

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
LINHA: CLÍNICA E SUBJETIVIDADE

Marina Morena Torres de Almeida

**Constituição subjetiva e clínica com crianças a partir do caso
Hans**

Orientadora: Profa. Dra. Giselle Falbo Kosovski

Niterói

2015

Marina Morena Torres de Almeida

**CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA E CLÍNICA COM CRIANÇAS A PARTIR DO
CASO HANS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Giselle Falbo Kosovski

Niterói

2015

A447 Almeida, Marina Morena Torres de.
Constituição subjetiva e clínica com crianças a partir do caso Hans /
Marina Morena Torres de Almeida. – 2015.
89 f. ; il.
Orientadora: Giselle Falbo Kosovski.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto
de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2015.
Bibliografia: f. 85-89.

1. Psicanálise. 2. Criança. 3. Subjetividade. 4. O caso Hans. 5. Freud,
Sigmund, 1856-1939. 6. Lacan, Jacques, 1901-1981. I. Kosovski,
Giselle Falbo. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de
Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 616.8917

*Dedico este trabalho aos meus pacientes, que muito me surpreendem com suas
criações.*

Agradecimentos

À Giselle, por ter me apoiado neste projeto e indicado que era possível segui-lo com leveza.

À Maria Lídia, por termos inventado uma forma de juntar trabalho e amizade, que teve como produto esta dissertação.

Ao Paulo Vidal, meu primeiro professor de psicanálise, cuja transmissão reverbera.

À Ana Beatriz Freire, por ter aceitado participar da banca e por seus valiosos comentários na qualificação.

À CAPES, pelo apoio financeiro para este trabalho.

À Maria Inês Lamy, suas supervisões que me ajudam a situar meu desejo na clínica.

À Angela Bernardes, por ter supervisionado com delicadeza minhas primeiras experiências clínicas.

Aos colegas do mestrado, especialmente à Larissa, parceira em todo esse percurso.

Aos meus pais e minha irmã, pelo estímulo e compreensão.

Aos amigos que não “entenderam” minha ausência, insistindo que minha presença é importante.

Resumo

Este trabalho parte de questões surgidas na clínica psicanalítica com crianças e tem como eixo de leitura a constituição subjetiva. Neste sentido, situamos: as operações lógicas de alienação e separação, o narcisismo em Freud e as formulações lacanianas acerca do estágio do espelho. Para finalizar, nos reportamos à clínica através do exame de o Caso Hans com a intenção de situar suas contribuições para a práxis psicanalítica com crianças, visando localizar melhor os avatares do trabalho subjetivo realizado por cada criança para tornar-se sujeito no campo da neurose.

Palavras-chaves: Psicanálise com crianças, Constituição subjetiva, o caso Hans, Freud, Lacan.

Résumé

Ce document présente les questions soulevées par le traitement psychanalytique des enfants et son axe de lecture est la constitution subjective. En ce sens, nous situons: les opérations logiques d'aliénation et de séparation, le narcissisme formulé par Freud et les formulations de Lacan sur le stade du miroir. Enfin, nous nous référons à la clinique en examinant le cas de Hans avec l'intention de placer leurs contributions à la pratique psychanalytique avec des enfants, afin de mieux localiser les avatars de l'œuvre subjective de chaque enfant à devenir un sujet dans le champ de la névrose.

Mots-clés: Psychanalyse avec les enfants, Constitution subjective, le petit Hans, Freud, Lacan.

Como desconhecer, aqui, que os atos espontâneos de uma criança são algo de muito mais direto e mais vivo que as concepções mentais de um ser adulto depois de longos anos de cretinização amplificadora constituída comumente por aquilo que se chama educação.

Jacques Lacan

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
-----------------	----

CAPÍTULO UM

A CRIANÇA COMO OBJETO E O CAMPO DO OUTRO.....	13
1.1. A criança em Freud.....	13
1.2. A criança como objeto.....	18
1.3. O falo e suas equivalências.....	21
1.4. Operações fundamentais para a constituição subjetiva: Alienação e Separação.....	29

CAPÍTULO DOIS

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE SI NO ESPELHO.....	33
2.1. Narcisismo e estágio do espelho de 1949.....	33
2.2. A topologia do Imaginário em Freud.....	36
2.3. Desdobramentos do estágio do espelho: O seminário I.....	37
2.4. Novos desdobramentos do estágio do espelho: O seminário X.....	42

CAPÍTULO TRÊS

HANS EM TRABALHO.....	48
3.1. Relato do caso.....	49
3.2. A angústia em Hans.....	57
3.3. Hans em trabalho.....	63
3.4. O pai: a metáfora e suas versões.....	75

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE HANS ENSINA PARA A CLÍNICA COM CRIANÇAS?.....	79
--	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	85
---------------------------------	----

Introdução

A psicanálise com crianças surge em 1909 com O caso Hans, primeira aplicação do método psicanalítico ao atendimento com crianças. Embora, como assinala Rosine Lefort (1991), a psicanálise seja uma só, a práxis com crianças comporta especificidades: no que se refere à demanda de tratamento, à transferência, à regra fundamental, à presença dos pais, etc. Tais especificidades se colocaram como questões desde seu início e continuam a instigar aqueles que se dedicam a esta modalidade da clínica. Este trabalho, portanto, parte de perguntas surgidas de nossa prática na clínica com crianças e da percepção de que suas especificidades são decorrências do momento lógico da constituição subjetiva.

Por esta razão, para nos aproximarmos de tais questões, sentimos necessidade de localizar alguns aspectos da constituição subjetiva que nos pareceram estar estreitamente relacionados às suas peculiaridades. Antes, porém, entendemos ser importante precisar o que vem a ser a criança para a psicanálise, em Freud e em Lacan. No que tange à presença dos pais no tratamento com crianças, consideramos fundamental nos debruçar sobre as teorizações de Freud acerca do narcisismo e sua posterior leitura como tópica do imaginário a partir do estádio do espelho em Lacan; tendo em vista que a recuperação narcísica por parte dos pais edifica e aponta um lugar para a criança, lugar ao qual ela responde sintomaticamente como sujeito. E, com o objetivo de pensar como a criança se aloja no lugar de objeto do desejo e de gozo de seus pais, e como ela dele se separa, percebemos a importância de trazer para o corpo do trabalho o estudo das operações fundamentais para a constituição subjetiva – alienação e separação.

Com o intuito de pensar a clínica a partir dos estudos realizados sobre o lugar da criança para os pais, a questão das operações fundamentais e as dimensões de $-\phi$ e do objeto a demonstradas no estádio do espelho, selecionamos o caso que inaugura a psicanálise com crianças: o pequeno Hans. Este caso nos ajudou a problematizar as questões suscitadas pela clínica com crianças.

Nosso primeiro capítulo, portanto, circunscreve o percurso que parte da definição de criança em Freud para a questão do objeto fálico, presente nas obras de Freud e no ensino de Lacan. Em seguida, adentramos o estudo das operações

fundamentais de alienação e separação, imprescindíveis no processo de constituição subjetiva.

Em nosso segundo capítulo, buscamos associar a constituição subjetiva com a construção da imagem de si. Para tal, as teorizações de Freud sobre o narcisismo foram articuladas com a primeira apresentação do estádio do espelho realizada por Lacan, para tratar da questão da identificação da criança ao lugar indicado pelo desejo dos pais. Em seguida, nos remetemos ao estádio do espelho presente na parte intitulada *a tópica do Imaginário* do primeiro seminário de Lacan (1953-1954/1986), em especial às articulações que ele traça entre Imaginário e Simbólico. Neste estudo, Lacan situa que há algo que não é especularizável. A respeito do que não é especularizável, guiamos nossa leitura das contribuições de *O seminário, livro X* (1962-1963/2005), onde Lacan se detém mais longamente na questão do furo. Lacan distingue o falo, apresentado como $-\phi$, do objeto *a*. Por meio desta distinção, ele situa um trabalho em torno do furo que se edifica como falta.

No terceiro capítulo, ingressamos no caso Hans com o relato do caso e as interpretações deste feitas por Freud e pelo pai de Hans. Em seguida, esclarecemos as mudanças no entendimento da questão da angústia em Freud, que não é a mesma na época do estabelecimento do caso, da posterior à formalização na segunda tópica. Assim, voltamos ao caso Hans com as chaves de leitura fornecidas por Lacan no seminário sobre a angústia (1962-1963/2005). Finalmente, passamos às contribuições de Lacan ao caso Hans, realizadas em seu *O seminário, livro IV* (1956-1957/1995), e em seguida em seu *O seminário, livro XVI* (1968-1969/2008). A respeito do trabalho que Hans realizou em torno do termo “cavalo”, percebemos a necessidade de deslocar o entendimento da função do pai somente pela via da metáfora paterna. Sob esse prisma, investigamos as passagens que Lacan faz acerca do pai, com o auxílio do conceito de *père-version*.

Nossa visada, neste trabalho, pretendeu dar enfoque ao caráter de singularidade na constituição subjetiva, ou seja, como cada um constrói, a seu modo, um jeito de tornar-se sujeito. Esse enfoque foi impulsionado pelo modo com o qual Hans inventou sua singular passagem pelo Édipo.

1. Capítulo 1: A criança como objeto e o campo do Outro

1.1. A criança em Freud

Falar do que as crianças fazem quando estão em trabalho de se constituir como sujeitos sugere a análise de algumas questões. Em primeiro lugar, vemos que, comumente, ao falar disso esbarra-se em questões desenvolvimentistas. Portanto, para nos afastarmos de formulações sobre que idade corresponde a tal ou qual momento de desenvolvimento motor, ou se existe uma determinada ação a ser feita e a partir daí se há um sujeito, é necessário afirmar que em psicanálise não se trata de tempos cronológicos, mas sim de um tempo que não é o mesmo para cada um. Ou seja, em nosso estudo, não trataremos das questões de constituição subjetiva como se essa fosse um ideal a ser alcançado, numa determinada etapa da vida, etc. Portanto, recortaremos aqui algumas das questões surgidas na clínica psicanalítica com crianças e adultos e formalizadas em teorias, principalmente por Freud e Lacan, entendendo que tornar-se sujeito não é algo dado, mas sim um trabalho feito singularmente por cada um, em seu tempo.

Assim, para iniciar o trajeto teórico que nos propomos a percorrer, é relevante fundamentarmos as bases freudianas que possibilitam falar de psicanálise com crianças. A que Freud se refere quando fala de criança? Em qual contexto o autor estava situado e com base em que fez seu contraponto? Para responder a essa questão é preciso retomar a trajetória de engendramento da criança ao longo do tempo, contextualizando a novidade introduzida por Freud, pois, assim, veremos que a descoberta de Freud sobre a sexualidade infantil é um importante elemento para as questões envolvidas no trabalho subjetivo, como veremos adiante, seguindo as pistas de Lacan sobre constituição subjetiva.

A criança nem sempre foi entendida de forma unânime na História. Dessa forma, com base no recolhimento de dados históricos realizado por Ariès (1978), percebemos que houve muitas mudanças na compreensão da criança ao longo dos séculos. Segundo

o autor, após o desmame, as crianças das famílias dos senhores feudais medievais eram tidas como a companhia natural do adulto, se misturando a eles e executando tarefas domésticas. Foi somente com a revolução burguesa e a entrada da educação escolar nas famílias que se produziu uma mudança na maneira de tratar a criança. Na medida em que o ideal da educação era formar adultos adequados para a nova sociedade, as crianças teriam que ser afastadas do mundo “sujo” dos adultos a fim de manterem sua inocência preservada. Assim passou a existir, de modo geral, uma preocupação maior dos pais em vigiarem seus filhos. Como consequência dessa espécie de vigilância dos filhos, houve uma aproximação destes enquanto família. A partir desta época, a criança passou a ser vista como inocente, pura. Por esse motivo, a educação se prestava a ensinar e instruir crianças para que se tornassem adultos convenientes, de acordo com os ideais da sociedade daquele período (CLASTRES, 1991).

A criança escolar serviria para a sociedade na medida em que o seu desenvolvimento resultaria em um adulto adequado, ou seja, educado e separado do mundo “sujo” dos adultos. Vemos, a partir desse percurso reduzido, a pluralidade de possibilidades de concepções da criança. Posteriormente surge a concepção freudiana. A criança freudiana, apesar do contexto da época, não é aquela surgida de um ideal escolar, mas a apresentada por Freud em 1905, em seus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. O ideal escolar, no qual as crianças seguiriam supostamente uma progressão harmoniosa, que resultaria em adultos apropriados, apresenta-se como um importante elemento contra o qual Freud se insurge. Para Freud, há algo de ineducável em todas as crianças, relacionado a uma parte pulsional impossível de apreender. Nesse sentido, o ideal escolar falha ao pressupor e exigir uma progressão harmoniosa, livre de conflitos internos e dificuldades de aprendizado. Na clínica, vemos que muitas dificuldades escolares apresentadas pelas crianças não passam necessariamente pela transmissão das matérias, pois trata-se de algo particular, relativo ao tempo de cada um, marcando que nem tudo está inscrito no Simbólico.

Levando em consideração a parte pulsional, Freud caminha no sentido contrário ao dos ideais preconizados e revela justamente o fracasso dos educadores. Em seus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) Freud introduz a ideia de que as crianças também tem uma sexualidade, que ele chamou de sexualidade infantil. Esta sexualidade tem suas especificidades, que foram sendo desenvolvidas não só ao longo dos três ensaios em questão, mas por toda a obra do autor. Segundo Freud, as manifestações da

sexualidade infantil são temidas pela educação, como se a atividade sexual tornasse a criança ineducável. No entanto, ao invés de colocar por baixo dos panos esse assunto desagradável aos educadores e à forma de conceber a criança na época, Freud investiga e sustenta a importância de escutar a sexualidade infantil (CLASTRES, 1991).

Freud, a partir da investigação da sexualidade infantil, introduz a concepção de sexualidade perverso-polimorfa da criança. Esta criança é, antes de tudo, um corpo ineducável, pois, antes de aprender as normas de convívio e os costumes, ela goza de forma perversa e polimorfa sem, contudo, eleger nenhuma área erógena privilegiada. Cabe dizer que mesmo após o aprendizado das normas de convívio e dos costumes, resta algo impossível de educar, e impossível de colocar em palavras. A sexualidade infantil, pulsional, sofre a influência dos cuidados tomados com a criança por parte de seus cuidadores, pois estes cuidados despertam nela excitações de ordem sexual. Segundo Freud (1905):

O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa – usualmente, a mãe – contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objeto sexual plenamente legítimo (FREUD, 1905/2006, p. 210-211)

Isto não significa dizer que exista uma sedução ativa do adulto, mas sim dizer que estamos em uma zona de relação da mãe com a criança, cujos cuidados erogenizam e ordenam o corpo da criança. Essa erogenização é feita de forma inconsciente, seguindo a posição subjetiva da mãe que incide seu desejo sobre a criança. No corpo da criança, sexualizado e tratado como o substituto de um objeto sexual – assunto que abordaremos mais adiante neste capítulo –, despertam-se excitações que diferem das excitações genitais, dos adultos, pois ainda não definiram-se áreas erógenas privilegiadas. Por isso, a sexualidade da criança foi entendida por Freud como perversa e polimorfa. Para o autor,

A sexualidade nas crianças, em muitos respeitos, apresentou um quadro diferente da dos adultos e, de modo bastante surpreendente, exibiu numerosos traços daquilo que, nos adultos, era condenado como “perversões”. Tornou-se necessário ampliar o conceito do que era sexual, até que abrangesse mais que o impulso no sentido da união dos dois sexos no ato sexual ou da provocação de sensações agradáveis específicas nos órgãos genitais. (FREUD, 1923[1922]/2006, p. 255)

Podemos dizer, então, que Freud, ao observar as crianças, estabeleceu uma comparação com a sexualidade dos adultos. No entanto, percebeu que ao invés de estas serem avessas, contraditórias, havia algo da sexualidade infantil que permanecia no adulto. Se esta é a origem da sexualidade no ser humano, o que acontece para que no adulto esta sexualidade seja diferente?

Considerando o estudo da sexualidade infantil, no caso da neurose, subentende-se que sobre a sexualidade infantil incida a operação de recalque. O mecanismo do recalque possui a função de um véu, ou seja, de velar o início da vida sexual, porém sem apagá-la. Esse mecanismo do recalque implica em uma *amnésia infantil* que criaria uma espécie de pré-história, ou seja, esconderia o início da vida sexual infantil (LÉVY, 2008).

Segundo Barros (1995), a amnésia infantil é o efeito do recalque sobre os significantes da demanda do Outro, que permite que o sujeito possa responder ao que há de impossível no gozo (BARROS, 1995). Para o autor, essa amnésia é condição para o desabrochar da puberdade, na medida em que na amnésia “há algo aí de uma lei ou princípio geral: não do desenvolvimento humano ou da formação de um sintoma neurótico, mas da constituição do sujeito” (Ibid, p. 81). Nesse sentido, a sexualidade infantil e a consequente amnésia infantil, fruto do recalque, são elementos fundamentais para a compreensão do processo de constituição subjetiva. Freud organizou esses elementos em sua formulação do complexo de Édipo. Seguindo essa pista, podemos nos perguntar o que definiria um adulto, ou ainda, em que medida a sexualidade infantil é um elemento observável somente nas crianças?

A partir da leitura que Clastres (1991) faz de Lacan, o adulto, entendido como o signo de uma progressão harmoniosa de desenvolvimento, não existe. Trata-se antes de um sujeito suposto adulto, pois é a respeito de um ideal imaginário que falamos ao usar o termo adulto. Nesse sentido, a psicanálise não se interessa pelo adulto biológico, mas sim pelo sujeito visto do ponto de vista da temporalidade lógica, e não cronológica (CLASTRES, 1991). De acordo com o ponto de vista da temporalidade lógica, a sexualidade infantil é fundamental para a clínica de adultos, pois esse adulto do qual falamos, não o é sem a criança que supostamente foi, ou antes, sem a influência de sua sexualidade infantil. Vemos, assim, que a sexualidade infantil e as questões que aparecem em torno dela se relacionam com o trabalho de tornar-se sujeito. Conforme

veremos adiante, o trabalho subjetivo das crianças determina estruturalmente os sujeitos suposto adultos que elas se tornarão. A esse respeito, Freud observou que seus pacientes, ao serem convidados a falar sobre o que lhes viesse à cabeça, associando livremente, relembavam cenas de suas infâncias, reminiscências da relação com os pais, marcando que a realidade psíquica do sujeito é construída enquanto criança. Essa pista leva-nos à questão sobre o que permanece, então, da criança no adulto.

Para elaborarmos essa questão, é essencial que façamos uma diferenciação entre os conceitos de *criança* e *infantil*. Como anteriormente apontado, na psicanálise preza-se pela temporalidade em uma perspectiva lógica e não cronológica. Assim, o infantil não diz respeito a algo com o que nenhuma criança coincida inteiramente (BARROS, 1995). Tampouco, o ideal de adulto é algo que nenhuma “pessoa grande” coincide inteiramente. Para Lévy, o infantil é um conceito “quando entendido como sendo o momento da constituição psíquica de um sujeito do inconsciente” (LÉVY, 2008, p. 15). Dessa maneira, se tomarmos o infantil como o momento logicamente anterior à incidência do recalque, podemos observar que o primeiro se fará presente, sob o véu do recalque, durante toda a vida do sujeito. Portanto, ao nos referirmos à criança ou à infância, estamos falando de um sujeito do ponto de vista cronológico, enquanto que, no caso do infantil, estamos tratando de uma lógica do inconsciente. Assim, do ponto de vista lógico, o infantil refere-se àquilo que foi recalado, seja na criança ou no adulto. Na psicanálise, fundada e sustentada a partir do inconsciente, o foco de atenção é, então, o infantil.

O infantil se apresenta na clínica com crianças de forma menos velada do que na clínica com adultos. As crianças, em seus desenhos, falas, brincadeiras, estão, a todo momento, apresentando ao analista representações de suas questões. O arranjo familiar do ponto de vista da criança é apresentado por meio de sonhos e sintomas, ou seja, formações do inconsciente que possuem lógica própria e nos permitem saber um pouco sobre o que se passa na realidade psíquica daquele sujeito.

A riqueza de conteúdo das formações do inconsciente mostrou a Freud que a sexualidade da criança, perverso-polimorfa, se desdobra em outros elementos e, por essa razão, Freud se complementa ao longo de sua obra. Podemos supor que a escuta de seus pacientes adultos, assim como as observações de crianças e a análise do caso do pequeno Hans, ensinaram a Freud que o Complexo de Édipo se desdobra em várias

questões. Buscaremos destrinchar algumas delas ao longo desse trabalho, perpassando as principais contribuições de Freud, como o fetichismo, a diferença entre os sexos, o conceito de narcisismo, incluindo a maneira como Lacan leu essas contribuições de Freud e a forma pela qual acrescentou novos elementos à discussão sobre o trabalho de tornar-se sujeito e a clínica com crianças.

1.2. A criança como objeto

Localizar a partir de qual concepção de criança nos referimos neste estudo, não passa somente pela descoberta da sexualidade infantil, feita por Freud, e desdobrada ao longo de sua obra. Freud dedicou-se também a investigar a relação da criança com seus pais, formalizada no complexo de Édipo e é sobre essa relação que nos deteremos mais longamente a partir dos comentários de Lacan sobre o mesmo. Freud estudou a fundo o Édipo de meninos e tangenciou o das meninas, detendo-se nas diferenças estruturais entre as organizações sexuais de ambos. Com Lacan, deixa-se em suspenso a questão das diferenças entre os sexos na infância, para dar ênfase à questão do falo, de como as crianças lidam com esse significante privilegiado. Ou seja, falar de falo remete à constituição subjetiva, e não somente às diferenças entre as organizações sexuais das crianças. Nesse sentido, Lacan busca sublinhar que a constituição subjetiva é o principal tema na infância, e o trabalho subjetivo gira em torno disso. Para transmitir tal importância, Lacan se dedicou aos apontamentos de Freud sobre a criança, passando, posteriormente, a enunciar suas próprias teorias sobre o que está em jogo na relação da criança com os pais, sobre o que o sintoma da criança pode revelar, o lugar do Outro para ela, e a própria clínica com crianças. Encaminharemos nosso estudo a partir destas pistas.

Em *Nota sobre a criança* (1969), texto central para a psicanálise com crianças, Lacan afirma que o sintoma da criança pode estar relacionado a duas possibilidades: uma resposta da criança à verdade do par familiar ou dizer respeito à subjetividade da mãe. Na clínica, quando a chegada da criança diz respeito à primeira possibilidade, do

sintoma da criança “achar-se em condição de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar” (LACAN, 1969/2003, p. 369), o trabalho realizado pela criança, na presença do analista, tal como o trabalho do analista na escuta dos pais, se configuram como casos abertos às nossas intervenções, conforme salienta Lacan. No entanto, quando o sintoma da criança é referente apenas à fantasia materna na qual a criança está envolvida, configuram-se casos mais complexos em relação às nossas intervenções. Segundo Lacan (1969), nesses casos a criança “se torna o “objeto” da mãe e não mais tem outra função senão a de revelar a verdade desse objeto.” (Ibid).

Para Lacan, na substituição pela criança desse objeto que falta à mãe, a criança “satura, substituindo-se a esse objeto, a modalidade de falta em que se especifica o desejo (da mãe)” (Ibid, p. 370). A falta da mãe, num primeiro momento, configura-se como uma questão com a qual a criança terá de lidar. Cabe questionar, para seguirmos essa linha de pensamento, a que ele faz alusão ao se referir à “falta da mãe”?

Falta essa que está, desde Freud, situada em torno dos enigmas colocados pela sexualidade feminina. Em *A organização genital infantil* (1923), Freud se reaproxima do tema da sexualidade infantil, ao fazer referência aos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), porém focando no que seria um momento posterior. Nesse caso, não se trata mais de bebês, mas sim de crianças. Freud afirma que, no curso do desenvolvimento da sexualidade infantil, há uma pesquisa sexual cujo tema principal é o órgão genital masculino. Por essa razão ele localizou que nesse momento há uma “primazia do falo” (1923/2006, p. 160). Freud utiliza o termo falo, no entanto, para tratar do órgão genital masculino. Porém, vemos que em seus textos, ele evidencia que a questão principal não é o órgão genital em si, mas o que ele pode vir a representar. Nesse sentido, dedica-se a explorar o complexo de castração, anunciando, nas entrelinhas, que não é de uma falta física que se trata no caso das mulheres e, principalmente, da mãe. Segundo Freud (1923),

Não se deve supor, contudo, que a criança efetua rápida e prontamente uma generalização de sua observação de que algumas mulheres não têm pênis. De qualquer modo, ela é impedida de fazê-lo porque supõe ser a falta de um pênis resultado de ter sido castrada como punição. Ao contrário, a criança acredita que são apenas pessoas desprezíveis do sexo feminino que perderam seus órgãos genitais – mulheres que, com toda probabilidade, foram culpadas de impulsos inadmissíveis semelhantes ao seu próprio. Mulheres a quem ela respeita, como sua mãe, retêm o pênis por longo tempo. Para ela, ser mulher ainda não é sinônimo de não ter pênis. (FREUD, 1923/2006, p. 162-163)

A riqueza da citação acima nos permite abordar diversos aspectos. O primeiro deles concerne à pesquisa sexual que as crianças realizam, buscando saber se as outras crianças possuem o mesmo órgão sexual. Os meninos, conforme afirma Freud, se negam, muitas vezes, a ver que as meninas não possuem pênis, chegando a dizer, como o pequeno Hans o faz a respeito de sua irmãzinha, de que o pênis dela ainda é pequeno e que crescerá.

Um pouco mais tarde, Hans observava sua irmã de sete dias, em quem davam banho. “Mas o pipi dela ainda é bem pequenininho”, observou; e acrescentou, à guisa de consolo: “Quando ela crescer, ele vai ficar bem maior.” (FREUD, 1909/2006, p. 20)

Nota-se, entretanto, que a ausência de pênis nas mulheres é uma questão para as crianças de ambos os sexos. Freud observou que, para essa questão, as crianças constroem explicações diversas, que incluem: o medo de que seu órgão genital seja cortado; a crença de que ainda vá crescer; hipóteses acerca de as mulheres terem sofrido algum tipo de punição por não tê-lo, etc. A questão da mãe ter ou não o pênis, no entanto, é ainda mais complexa. Freud sinaliza que muitas crianças crêem veemente que a mãe possui o pênis, da mesma forma que Hans pergunta sobre o *Wiwimacher* (fazedor de xixi ou pipi, na tradução para o português) de sua mãe. Teorias são formuladas, conforme apresenta Freud, a respeito do suposto pênis da mãe e a relação disso com os bebês.

O caso do pequeno Hans demonstra claramente os efeitos desse enigma. As primeiras falas de Hans sobre esse assunto dizem respeito à pesquisa do menino sobre as coisas que têm ou não têm o pipi, chegando a uma primeira conclusão – a de que os objetos inanimados não possuem o pipi, e os animados possuem.

Certa vez, estando na estação ferroviária (tinha quase três anos e nove meses), viu água saindo de uma locomotiva. ‘Olha’, disse ele, ‘A locomotiva está fazendo pipi. Mas onde está o pipi dela?’. Depois de pequena pausa, acrescentou com alguma reflexão: ‘Um cachorro e um cavalo têm pipi; a mesa e a cadeira, não.’ Assim tomou consciência de uma característica essencial de diferenciação entre objetos animados e inanimados. (FREUD, 1909/2006, p. 18)

O enigma de ter ou não ter o pênis movimentava Hans numa pesquisa extensa, que sofre modificações à medida que descobre novos elementos, como a observação de sua irmãzinha no banho, e a pergunta que faz à sua mãe se ela também tem um pipi. Seguiremos abordando o caso de Hans mais adiante, no terceiro capítulo, quando aprofundaremos as construções que o menino faz em torno de ter ou não ter o pênis e as

consequências extraídas dessa constatação. Todavia, com Lacan (1956-1957), vemos que não se trata propriamente de pênis quando se fala de psiquismo, o pênis seria o totem de algo imaginário extremamente importante para a organização do psiquismo: o falo.

1.3. O falo e suas equivalências

Em *Além do princípio do prazer* (1920), Freud relata a observação que fez de uma brincadeira repetida diversas vezes por um menino de um ano e meio de idade. Freud observou que essa brincadeira se assemelhava a um jogo, no qual o menino atirava objetos para longe e depois se ocupava por um tempo em procurá-los. O menino atirava os objetos emitindo um longo “o-o-o-ó”, que representava a palavra alemã *Fort*. O sentido dessa palavra foi traduzido, para o português, como ir embora, algo que se foi. Freud chegou, então, à conclusão de que o menino brincava de ir embora com seus brinquedos. No entanto, em certa ocasião, o menino brincou com um carretel de madeira com um pedaço de cordão amarrado. O que o menino fez foi segurar o carretel pelo cordão e arremessá-lo para seu desaparecimento, enquanto emitia seu “o-o-o-ó”. Em seguida puxava o carretel de volta, pelo cordão, e, com o reaparecimento, falava *Da*, palavra traduzida como “ali”, para o português. Assim, a brincadeira completa, conforme observou Freud, consistia em desaparecimento e retorno. Essa brincadeira, que ficou conhecida como *fort-da*, Freud interpretou da seguinte maneira:

A interpretação do jogo tornou-se então óbvia. Ele se relacionava à grande realização cultural da criança, a renúncia instintual [pulsional] (isto é, a renúncia à satisfação instintual [pulsional]) que efetuara ao deixar a mãe ir embora sem protestar. Compensava-se por isso, por assim dizer, encenando ele próprio o desaparecimento e a volta dos objetos que se encontravam a seu alcance. É naturalmente indiferente, do ponto de vista de ajuizar a natureza efetiva do jogo, saber se a própria criança o inventara ou o tirara de alguma sugestão externa. Nosso interesse se dirige para outro ponto. A criança não pode ter sentido a partida da mãe como algo agradável ou mesmo indiferente. Como, então, a repetição dessa experiência aflitiva, enquanto jogo, harmonizava-se com o princípio do prazer? Talvez se possa responder que a partida dela tinha de ser encenada como preliminar necessária a

seu alegre retorno, e que neste último residia o verdadeiro propósito do jogo. Mas contra isso deve-se levar em conta o fato observado de o primeiro ato, o da partida, ser encenado como um jogo em si mesmo, e com muito mais frequência do que o episódio na íntegra, com seu final agradável. (FREUD, 1920/2006, p. 25)

Podemos nos perguntar, frente a essa interpretação, o motivo de o menino ter transformado sua experiência cotidiana em um jogo, ao qual incluía, mais frequentemente, a desagradável ausência da mãe e, em seguida, menos frequentemente, seu alegre retorno. Freud generaliza a observação do jogo do menino, encarando como um jogo realizado pelas crianças de maneira geral, pois observou que outras crianças também possuíam sentimentos hostis em relação a objetos, atirando-os para longe. Segundo Freud, um dos pontos de vista dessa repetição da experiência de renúncia à satisfação pulsional¹ relaciona-se com o fato de que, nessa experiência cotidiana, a criança está em posição passiva, pois a mãe se ausenta independentemente da vontade da criança. Dessa maneira, no jogo do *fort-da*, por mais desagradável que seja repetir aquela experiência, dessa vez, a criança assume um papel ativo. Sob outro ponto de vista, Freud (1920) se interroga se

o impulso para elaborar na mente alguma experiência de dominação, de modo a tornar-se senhor dela, pode encontrar expressão como um evento primário e independentemente do princípio do prazer. Isso porque, no caso que acabamos de estudar, a criança, afinal de contas, só foi capaz de repetir sua experiência desagradável na brincadeira porque a repetição trazia consigo uma produção de prazer de outro tipo, uma produção mais direta. (FREUD, 1920/2006, p. 26)

Freud indica, assim, que o jogo do *fort-da* é um tema de rememoração e da elaboração da experiência que acontece com a criança, e essa elaboração gera uma produção. Para apreendermos melhor do que se trata nessa produção, fruto do *fort-da* realizado pela criança, recorreremos ao *O Seminário, livro 11* (1964) de Lacan, precisamente na parte onde o autor aborda o tema da repetição. Segundo Lacan (1964), nesse movimento a criança se forma como ser humano.

Vejam-na na criança, em seu primeiro movimento, no momento em que se forma como ser humano, manifestar-se como exigência de que a estória contada seja sempre a mesma, que sua realização narrada seja ritualizada, isto é, textualmente a mesma. Esta exigência de uma consistência distinta dos detalhes de sua narrativa significa que a realização do significante não poderá jamais ser bastante cuidadosa em

¹ Apesar de a versão que possuímos em mãos ter utilizado a palavra instinto para traduzir o termo alemão *Trieb*, formulado por Freud, é de comum acordo, no meio psicanalítico, utilizar a palavra pulsão para traduzir o termo, por esta se adequar melhor ao conceito freudiano.

sua memorização para chegar a designar a primazia da significância como tal. É então evasão, aparentemente, o fato de desenvolvê-la variando as significações. Esta variação faz esquecer a visada da significância ao transformar seu ato em brinquedo e lhe propiciando felizes descargas em relação ao princípio do prazer. (LACAN, 1964/1985, p. 66)

É a narrativa incessante, ritualizada, da experiência de ausência e presença da mãe, que introduz uma hiância. Essa hiância é relativa a um fosso criado, na borda do berço, que movimenta ao jogo do salto (Ibid). O *fort-da* é, então, a resposta da criança àquilo que a ausência da mãe produz. Por essa razão, entendemos que no jogo do *fort-da* há algo da ordem da formação da criança enquanto sujeito, pois a operação do *fort-da* inaugura o Simbólico. No *fort-da*, o sujeito joga com seu objeto, objeto, este, destacado de seu corpo e chamado por Lacan de objeto *a*. Segundo Lacan “o conjunto da atividade simboliza a repetição” (Ibid, p. 67), ou seja, a atividade de um jogo do sujeito com seu objeto é uma simbolização, marcando a inauguração do Simbólico, e, por sua inscrição no Simbólico, inauguração do sujeito. Aprofundaremos nesta temática no item 1.4, mais adiante. Cabe, primeiramente, abordarmos a questão das equivalências do falo, para melhor compreensão deste significante tão importante para nossa pesquisa.

Em *As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal* (1917a), Freud trata da série de equivalência simbólica, que está presente nos intercâmbios entre as pessoas. Segundo Freud (1917a),

Como ponto de partida para esta exposição, podemos tomar o fato de que parece que nos produtos do inconsciente – idéias espontâneas, fantasias e sintomas – os conceitos de fezes (dinheiro, dádiva), bebê e pênis mal se distinguem um do outro e são facilmente intercambiáveis. (...) Para colocar o assunto de uma forma menos sujeita a objeções, esses elementos do inconsciente são tratados muitas vezes como se fossem equivalentes e pudessem livremente substituir um ao outro. (FREUD, 1917a/2006, p. 136)

Colocar esses elementos em série, conforme o fazem as formações do inconsciente, pode estar nos indicando que há uma equivalência entre esses elementos, e livremente substitui-se um pelo outro. Verifica-se com mais facilidade essa substituição quando se trata da relação entre pênis e bebê, continua Freud (Ibid), e essa ligação diz respeito ao desejo da mulher. Para Freud, em algumas mulheres, há o desejo reprimido de possuir um pênis, ao qual chamou de *Penis-neid* (“inveja do pênis”). A inveja do pênis diz respeito a algo que não foi resolvido no Édipo das mulheres. Dessa forma,

para Freud, o desejo de ter um filho, conforme observou em algumas mulheres, se relaciona à saída do Édipo das mulheres, onde sobra algo. Segundo Lacan (1956-1957):

Alguma coisa se articula pouco a pouco na experiência da criança, algo que lhe indica que, na presença da mãe com ela mesma ela não está só. (...) Isso é o fato de que, em grau diferente conforme os sujeitos, a mãe conserva o *Penis-neid*. A criança o preenche ou não o preenche, mas a questão se coloca. A descoberta da mãe fálica para a criança, a do *Penis-neid* para a mãe, são estritamente coextensivas do problema que abordamos. (LACAN, 1956-1957/1995, p. 229-230)

A questão da *Penis-neid* da mãe se coloca para a criança, sendo um termo de referência constante na relação da mãe com a criança. Do lado da criança – se ela o preenche ou não –, é uma questão que iremos abordar, mais adiante, com o auxílio da organização do Édipo realizada por Lacan (1958). De acordo com nosso estudo sobre *Nota sobre a criança* (1969), Lacan aponta que o bebê é, para o desejo de uma mulher, uma forma de tamponar sua falta estrutural. É por essa razão que Miller (2004) aponta que o fetiche é normal do lado da mulher, e está representado pelo amor materno. Para desdobrar a questão sobre o lugar que um bebê pode vir a ocupar no desejo de uma mulher, investigaremos a importância do fetiche na relação entre a criança e sua mãe.

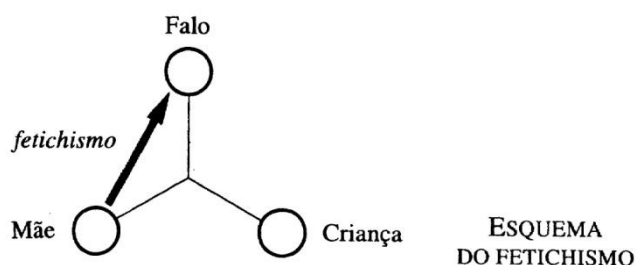
Em *Fetichismo* (1927), Freud retorna à questão da observação da criança sobre as mulheres e afirma que esta observação não interfere na crença de que as mulheres possuam pênis, ou melhor, a crença se desloca para a teoria de que elas já possuíram em algum momento. Essa crença está ligada ao conceito de fetiche. Convém questionar, o que é o fetiche, para além da compreensão comum de ser um modo de satisfação sexual? De acordo com Freud (1927),

Ao enunciar agora que o fetiche é um substituto para o pênis, decerto criarei um certo desapontamento, de maneira que me apresso a acrescentar que não é um substituto para qualquer pênis ocasional, e sim para um pênis específico e muito especial, que foi extremamente importante na primeira infância, mas posteriormente perdido. Isso equivale a dizer que normalmente deveria ter sido abandonado; o fetiche, porém, se destina exatamente a preservá-lo da extinção. Para expressá-lo de modo mais simples: o fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho outrora acreditou e que – por razões que nos são familiares – não deseja abandonar. (FREUD, 1927/2006, p. 155).

Freud já havia deixado claro que o pênis é um significante, pois ele pode ser substituído por outro significante como cocô, dinheiro e, principalmente, bebê. Nesse sentido, Freud aponta que na castração não se trata concretamente da questão de ter ou

não ter um pênis, e que a castração é para todos, pois já que os objetos deslizam na cadeia significante, o objeto da castração é simbólico. O objeto de que se trata na castração, o falo, conforme vimos, remete ao Simbólico, sendo a concepção de Simbólico formalizada por Lacan. Assim, sob esse ponto de vista, seguiremos entrelaçando os textos de Freud com as chaves de leitura fornecidas por Lacan.

Em face à falta de pênis, da mãe e das meninas, Freud observa que a criança elabora explicações diversas. Em torno da castração e do suposto pênis perdido da mãe há um enigma. A criança elabora, à sua maneira, explicações para tal. Muitas delas envolvem o pai, que aparece, de forma predominante, como castrador da mãe, e a ameaça de castração como uma punição aos maus comportamentos, por exemplo. Lacan anuncia que no fetichismo a criança vem “ocupar mais ou menos a posição da mãe com relação ao falo” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 57) ou, em outros casos, “a posição do falo em relação à mãe” (Ibid). Nesse caso, trata-se de um falo imaginário. Dessa forma, é possível observar que nessa tríade entre mãe, criança e falo podem se dar diferentes relações. Lacan escreve o esquema² do fetichismo da maneira abaixo, nos indicando que a mãe, de acordo com a seta da imagem, se volta ao falo imaginário:



Segundo Miller (2004), há uma vertente do fetichismo que pode ser considerada normal. Ele se refere ao amor materno, que “pode chegar até a fetichização do objeto infantil. Ele conforma-se à estrutura que a criança, como objeto do amor, só demanda se exercer a função de velar o nada, que é “o falo enquanto ele falta à mulher” (MILLER, 2004, p. 9). A posição em que a mãe coloca a criança, seu objeto de amor, exerce a função, de acordo com Miller, de velar o nada, ou seja, de tentar, de certa forma, ocupar o lugar da falta que o falo representa. Adiante, Miller afirma que o fetiche só é normal quando a criança não é tudo para o desejo da mãe (Ibid). Assim, a ausência de pênis na

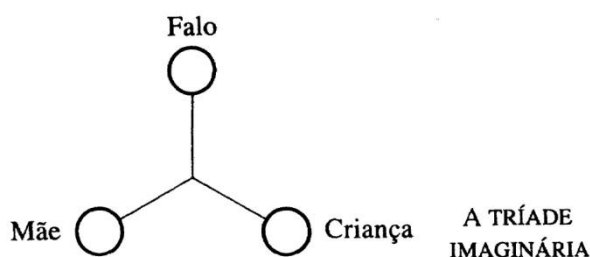
² Figura extraída de *O Seminário, livro 4* (LACAN, 1956-1957/1995, p. 57)

mãe, ou seja, o modo como, nesse momento, a questão fálica aparece para a criança, a movimenta em um trabalho subjetivo para explicar a falta e, por conseguinte, descobrir o lugar que a própria criança tem em relação a esse fato. De acordo com Freud (1923),

Mais tarde, quando a criança retoma os problemas da origem e nascimento dos bebês, e adivinha que apenas as mulheres podem dar-lhes nascimento, somente então a mãe perde seu pênis. E, juntamente, são construídas teorias bastante complicadas para explicar a troca do pênis por um bebê. (FREUD, 1923/2006, p. 162-163)

A mãe, na visão da criança, passa de fálica para castrada. E nessa transição há uma troca que estrutura uma equação simbólica: a criança como equivalente ao falo materno. Cabe dizer que essa elaboração é uma das versões possíveis criadas pelas crianças, mas não é a única. O ponto que nos interessa é que essas elaborações giram em torno da falta na mãe, ou seja, por mais que as teorias infantis tentem dar conta deste enigma, a pergunta se mantém, girando sempre em torno da falta. Por que motivo a falta, representada pelo significante falo, é o elemento principal da relação entre a criança e a mãe?

Em *A relação de objeto* (1956-1957), Lacan trata da relação mãe-criança, essa que, conforme vimos, gira em torno da falta, e investiga onde entra o pai nessa relação. Nos reportaremos a esse seminário diversas vezes ao longo desse trabalho, sobretudo na leitura que Lacan faz sobre o caso do pequeno Hans. Cabe, primeiramente, seguirmos o caminho proposto por Lacan acerca das operações de frustração, privação e castração, associando-as com o Édipo das crianças. Partindo da prerrogativa de que à mulher falta o falo, Lacan constrói a tríade imaginária Mãe-Criança-Falo³:



Esta tríade abre a possibilidade para que a criança possa vir a encarnar, imaginariamente, o lugar do falo que falta à mãe. A tríade imaginária é o primeiro ponto utilizado por Lacan para falar do Édipo. No entanto, ele relê e organiza o Édipo

³ Figura extraída de *O Seminário, livro 4* (LACAN, 1956-1957/1995, p. 28)

freudiano, incorporando outros elementos auxiliares na leitura. Em seu seminário seguinte (1958), Lacan associa as três operações (frustração, privação e castração) com os três tempos do Édipo e é, a partir das complementações de 1958, que abordaremos as três operações.

A privação diz respeito à mãe ser privada do falo. No entanto, a operação da privação não acontece sem a primeira operação, a da frustração, que já abordamos quando do estudo do *fort-da*. Desse modo, na frustração, a mãe simbólica – que opera idas e vindas, não permitindo acesso irrestrito da criança ao seio – anuncia que seu desejo não está localizado totalmente na criança, pois ela é privada do falo. O desejo da mãe é o principal elemento do primeiro tempo do Édipo, a frustração.

Passar do primeiro tempo, da frustração, para o segundo tempo, da privação, só é possível se algo do pai fizer enigma ao desejo da mãe. O pai, nesse tempo, é imaginário e equivalente ao falo. Ele aparece como um termo encoberto. Cabe salientar que esse seria o caso na neurose, estrutura na qual esse termo, elementar na relação é o pai como portador do falo, ou antes, o Nome-do-Pai (LACAN, 1958)⁴. A noção de Nome-do-Pai radicaliza a concepção de que, para passar pelo Édipo, era preciso uma família estruturada de pai, mãe e filhos. Sob esse entendimento, para fazer valer o Nome-do-Pai não é preciso, necessariamente, um pai, mas antes, algo no discurso da mãe que a divida, marcando que a criança não é tudo para o seu desejo. O Nome-do-Pai anuncia que a mãe também é mulher.

O Nome-do-Pai intermedia, portanto, a relação da criança com a mãe, deslocando a criança do lugar de objeto materno. O Nome-do-Pai é um agente na medida em que a mãe se refere a ele, ou seja, que o discurso materno siga a lógica fálica, e que o Nome-do-Pai sirva para ser trocado pelo significante do Desejo da Mãe. Isto significa dizer que o desejo da mãe, que antes regia a vida psíquica da criança, possa ser substituído e relativizado pelo significante Nome-do-Pai. Dessa forma, coloca-se aí o falo como significado. Dada essa condição, a princípio, o Nome-do-Pai introduz a privação, na neurose. Segundo Lacan (1956-1957):

É claro que a privação, se temos que nos referir a ela, é na medida em que o falicismo, a saber, a exigência do falo, é, como diz Freud, o ponto

⁴ Acompanharemos a forma com a qual Lacan compreendia o Nome-do-Pai à época. Adiante, em nosso terceiro capítulo, situaremos as mudanças neste conceito e a passagem para a ideia de *père-version* (pai-versão).

principal de todo o jogo imaginário no progresso conflitual que é o descrito pela análise do sujeito. (...) Portanto, diremos que a privação, em sua natureza de falta, é essencialmente uma falta real. É um furo. (1956-1957/1995, p. 36).

Podemos entender que, se o falo se torna um significado, a partir da privação, logo, a criança não pode sê-lo. Esse movimento desloca a criança da posição de objeto da mãe, localizando, também, a falta desta. A partir da localização dessa falta, algo muda na dinâmica da criança com a mãe. Nesse momento, a criança experimenta outra possibilidade diferente da de sua mãe ser fálica. No segundo tempo do Édipo, o falo opera e a criança rivaliza com o pai imaginário. A saída desse tempo se dá pela constatação do impasse de que para ter o falo, é preciso deixar de sê-lo. Esse deslocamento leva ao terceiro tempo do Édipo, o da castração.

Nesse terceiro tempo, o pai é real e portador do falo. Vemos com isso, que cada tempo tem uma operação, um agente e um objeto. Interessa-nos, a esse respeito, a questão do deslocamento da criança da posição de objeto, que só pode se dar porque há um furo. Esse furo, quando simbolizado, é a falta denominada como falo. Nesse sentido, vemos que o fundamental nos tempos do Édipo é a constatação das crianças – que antes ocupavam, quase que automaticamente, a posição de completar a falta da mãe – de que há uma outra possibilidade: a de ser ou não ser o falo. Para tal, ocorre um intenso trabalho subjetivo envolvido, um trabalho em torno do falta. Em nosso terceiro capítulo investigaremos de que forma o pequeno Hans, com sua fobia, deu tratamento a essa questão.

Podemos perceber, com a análise pormenorizada de Lacan sobre o complexo de Édipo, que, para entrar no último tempo do Édipo, é necessário vislumbrar esse caráter de escolha, a de ser ou não o que completaria a falta da mãe. Evidentemente não se trata de uma escolha consciente. Do que se trata quando falamos na possibilidade de escolha inconsciente entre ser ou não ser o falo que falta à mãe?

A criança, na perspectiva lacaniana, é entendida como *um sujeito localizado na posição de objeto*. Dessa maneira, se destrincharmos essa definição, utilizando a segunda parte desta, veremos que a criança, por excelência, está na posição de objeto em relação a seus cuidadores, seja em casa, na escola ou qualquer lugar em que esta se relacione com adultos. Isto acontece por conta da dependência decorrente do desamparo em que nasce o bebê humano. Nota-se que, para além das questões práticas, a criança

está em posição de dependência de um investimento libidinal, de uma inscrição em um desejo que não seja anônimo, no desejo do Outro (LACAN, 1958).

Veremos adiante como o estudo do texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) nos ajudará a pensar o lugar de investimento libidinal e da inscrição em um desejo que não seja anônimo. A respeito da posição de objeto, entendemos que se trata de algo relativo ao desejo do Outro, pois a criança necessita, além dos cuidados práticos, de um investimento libidinal, um lugar no desejo do Outro. Estar na posição de objeto pode nos induzir a pensar que neste plano não há escolha. Porém, se retermos a primeira parte da definição da criança como *um sujeito localizado na posição de objeto*, vemos que há um sujeito. Como pode, então, um sujeito estar localizado na posição de objeto? Nesta tensão entre sujeito e objeto, convém questionar o que é tornar-se um sujeito? É o que veremos a seguir.

1.4. Operações fundamentais para a constituição subjetiva: alienação e separação

Segundo Lacan (1960), o essencial da experiência freudiana diz respeito ao inconsciente ser um “conceito forjado no rastro daquilo que opera para constituir o sujeito.” (LACAN, 1960/1998, p. 844). Seguindo essa afirmação, buscaremos destrinchar algumas relações entre inconsciente e constituição do sujeito para esmiuçarmos as questões em torno do trabalho subjetivo realizado por crianças. Retomando a frase “O inconsciente é um conceito forjado no rastro daquilo que opera para constituir o sujeito” (Ibid), Lacan indica que na constituição do sujeito, processo inconsciente, existem operações lógicas. O autor formaliza como operações fundamentais a alienação e a separação.

Primeiramente, devemos atentar para o fato de que ao longo de suas falas e seminários, Lacan está realizando um ensino. Em seu percurso, ele retoma a obra de Freud e de outros pensadores importantes, assim como formula suas teorias e complementa, mais tarde, tantas outras. Portanto, alguns leitores de Lacan consideram

que em sua obra existem momentos. O escrito *Posição do Inconsciente*, de 1960, se situa em um momento no qual o Outro é definido como tesouro dos significantes. Em correlação com este momento de seu ensino, para pensarmos o processo de constituição subjetiva, é preciso que analisemos as duas operações fundamentais baseadas no jogo dos significantes. Desse modo, as operações fundamentais de alienação e separação estão referidas ao significante, entendido aqui como “aquilo que representa o sujeito para um outro significante” (LACAN, 1960a/1998, p. 833). É no intervalo dos significantes, portanto, que o sujeito surge.

Lacan pensa as duas operações fundamentais, constituintes, em dois campos: o do sujeito e o do Outro. Na alienação, o sujeito surge no campo do Outro, ou antes, no intervalo dos significantes oriundos do campo do Outro. O Outro funciona para o sujeito como lugar de sua causa significante, ou seja, o sujeito não é causa de si mesmo. Segundo Lacan (1960), “A alienação reside na divisão do sujeito que acabamos de designar em sua causa.” (Ibid, p. 855). Assim, o sujeito se aliena no campo do Outro, se aliena nos significantes do campo do Outro e, por não ser causa de si mesmo, é um sujeito dividido.

Da mesma forma que a alienação é ao significante, a separação também é ao significante, ao campo do Outro, e não em relação à mãe, facilmente confundida com o Outro em algumas leituras da obra de Freud. A operação de separação é marcada pela percepção, por parte do sujeito, de que o campo do Outro não possui o que lhe falta. Com isso situa-se o ponto de uma dupla falta, a do sujeito e a do desejo do Outro. Em termos clínicos, é a partir desse ponto de falta que a criança se pergunta como seria se ela não estivesse ali. No pensamento da criança, é preciso a existência de um enigma sobre o que o Outro quer dela e se o Outro pode perdê-la.

Na separação, perde-se a suposta completude do sujeito e do Outro. A constatação deve ser acompanhada com a possibilidade do Outro faltoso, ou seja, é preciso que o Outro possa perder. Segundo Lacan (1960), “o que ele coloca aí é sua própria falta, sob a forma da falta que produziria no Outro por seu próprio desaparecimento.” (Ibid, p. 858). Para que haja separação, portanto, é preciso sobrepor essas faltas e na sobreposição perde-se algo. Nesta sobreposição, extrai-se o objeto *a*. Esse objeto marca o furo que, conforme vimos, ao ser simbolizado, torna-se falta. Resta ao sujeito, com isso, operar com sua falta. O objeto *a* funciona, portanto, como uma

mola propulsora, causa do desejo. No capítulo seguinte, com o auxílio do estudo acerca do estádio do espelho, abordaremos as correlações entre o objeto *a* e o falo, o furo e a falta.

Lacan (1960) sinaliza que a entrada na subjetividade pressupõe uma “escolha forçada”, pois para se alienar ao campo do Outro perde-se, necessariamente, algo do ser, ou seja, é preciso aceitar, em certa medida, os termos do Outro para advir como sujeito. Segundo Bruce Fink (1998),

(...) Lacan sugere que há sempre algum tipo de escolha envolvida na aceitação da criança à sujeição a esse Outro – uma “escolha forçada”, como ele a nomeia (que é quase uma contradição em termos), a decisão de não se permitir ser sujeito pelo Outro acarretando necessariamente a perda de si mesmo. Esta decisão exclui a possibilidade do advento do indivíduo como um sujeito. A escolha de sujeição é necessária *para que* o indivíduo advenha como um sujeito, mas mantém seu estatuto de escolha já que é possível, não obstante, negar a subjetividade. (FINK, 1998, p. 72)

Há que se considerar a possibilidade de se negar a subjetividade, como por exemplo, nos casos de autismo. Esses casos, onde há uma espécie de recusa a se alienar ao campo do Outro, têm como consequência, que o autista, muitas vezes, não seja considerado um sujeito. Tornar-se sujeito é perder algo de si, necessariamente. É fundamental salientar, contudo, que as operações fundamentais se atualizam diversas vezes ao longo da vida, sobretudo na análise, pois a questão central “O que eu sou no desejo do Outro?” não se resolve em um momento pré-estabelecido e tampouco é algo que possa ser considerado superado. Assim, a constituição do sujeito é sempre um processo inconcluso. O sujeito toma uma decisão de separar-se do campo do Outro sem mesmo saber o que o Outro quer dele. Segundo Lacan (1960), “Sem dúvida, o “ele pode me perder” é seu recurso contra a opacidade do que ele encontra no lugar do Outro como desejo” (LACAN, 1960/1998, p. 858). A partir dessa afirmação, Lacan indica que o campo do Outro é permeado de opacidade.

Freud descobriu que a sexualidade perverso-polimorfa do bebê é pulsional, sendo a pulsão, de certa maneira, guiada por quem cuida do bebê. Com a leitura de Lacan, pode-se entender a relação da pulsão com o corpo do bebê e de seu cuidador por meio do campo do Outro. A opacidade do desejo do Outro, inclui também que, além de tesouro dos significantes, o Outro possua algo da ordem da linguagem que transmite um investimento libidinal. Com isso, o Outro reveste libidinalmente, com seu desejo, que

não é anônimo, o bebê, e o significante vivifica o corpo, transformando o bebê em um ser que goza, confinando o gozo mais em algumas partes, as zonas erógenas, do que em outras. Nesse sentido, a pulsão não é algo que desponte do corpo, ela vem ao corpo a partir do momento em que o significante se espalha pelo corpo. A fala da mãe recorta algo no corpo da criança, que vivifica a substância orgânica, enchendo-a de gozo. O que o sujeito recolhe desse investimento é o ponto principal na construção de uma imagem do corpo, assunto que investigaremos adiante, no segundo capítulo.

Vemos, portanto, que o desejo do Outro é um importante elemento desenvolvido ao longo da obra de Lacan, e fundamental no processo de tornar-se sujeito. Em sua organização do Édipo, presente em *O seminário, livro 5* (1958/1999), Lacan articula que o desejo da criança é “o desejo do desejo da mãe” (Ibid, p. 188), o que significa dizer, resumidamente, que a criança está referida, em seu inconsciente, com suas ações e desejo, ao seu Outro, encarnado pela fala da mãe. A mãe, porém, não está sempre ao lado da criança, satisfazendo-se em estar com a criança. Assim, na medida em que a criança percebe que a mãe não se satisfaz apenas por estar em sua presença, pois também se ausenta, desvela-se, para a criança, o desejo de “Outra coisa” (Ibid) da mãe. Assim, o desejo da mãe se apresenta como um mistério. Vale lembrar que, ao falarmos de desejo da mãe, não se trata da mãe como pessoa, mas sim da função de Outro encarnada pela mãe, por meio de sua fala e demanda, os significantes, cujo zumbido a criança escutará. Neste tempo, no qual a mãe, na posição de Outro primordial, dirige seu olhar para além da criança, aparece a possibilidade, para a criança, de ser ou não ser o que falta à mãe.

A partir do momento em que a criança realiza que não é tudo para o desejo da mãe, aparece para ela o furo da mãe. Em ambos os seminários 4 e 5 (1956-1957, 1958, respectivamente), Lacan trabalha com o termo *falo* para representar o que falta à mãe e o lugar que a criança poderia vir a ocupar para saturar o gozo materno. Associando esse momento com as operações de alienação e separação percebemos que a falta, da mãe, do Outro e da própria criança, é o que a impulsiona ao movimento psíquico, seja na separação ou na constatação da escolha de ser ou não ser o que falta à mãe.

2. Capítulo 2: A construção da imagem de si no espelho

Com pedaços de mim eu monto um ser atônito
Livro sobre nada, Manoel de Barros

O trabalho em curso nas crianças para advir à condição de sujeito correlaciona-se com o processo de construção da imagem de si. Por esta razão, faz-se necessário analisarmos as relações entre construir um corpo e tornar-se sujeito. Para tanto, recortamos a leitura do estádio do espelho realizada por Lacan, associando-a com os estudos freudianos sobre o narcisismo e temas correlatos já abordados em nosso primeiro capítulo. Neste capítulo abordaremos os três momentos principais da leitura do estádio do espelho: a conferência de 1949, a parte do primeiro seminário intitulada *A tópica do Imaginário* (1953-1954) e as formulações presentes no décimo seminário (1962-1963).

2.1. Narcisismo e estádio do espelho de 1949

Em sua comunicação *O estádio do espelho como formador da função do eu* (1949), Lacan se utiliza da concepção do estádio do espelho – ferramenta teórica utilizada inicialmente pela psicologia comparada para análise de aspectos comportamentais do filhote do homem em comparação com o filhote do chimpanzé, medindo as diferenças de níveis de inteligência instrumental entre as espécies, no tocante às suas reações diante do aparato espelho. Apesar do uso geral desta concepção, Lacan se distancia do viés desenvolvimentista e se interessa por extrair dele a experiência de [eu] que se dá, ou não, em frente ao espelho no animal humano.

Tentaremos elucidar alguns dos elementos presentes na leitura de Lacan sobre o estádio do espelho, seguindo seu trajeto, que inclui sua leitura do texto *Sobre o*

narcisismo: uma introdução (1914), de Freud. Segundo Ogilvie (1988), a concepção do estádio do espelho,

É o ponto fixo, o ponto de Arquimedes, do qual Lacan precisava para se engajar num caminho que consiste em descobrir tudo aquilo que a obra de Freud, à sua revelia, significa. A partir daí torna-se possível sua 'releitura', o 'retorno a Freud'. (OGILVIE, 1988, p. 105)

Podemos notar, portanto, a importância que a concepção do estádio do espelho teve para a obra de Lacan e, assim, perceber como sua leitura nos auxiliará a pensar questões relativas à construção do corpo em associação com o processo de constituição subjetiva.

O fenômeno do qual Lacan parte em seu estudo consiste em uma cena comum na infância: o bebê, sob um suporte que a deixe ereta em frente ao espelho, olha, gesticula, experiencia a imagem dele refletida. Lacan observa que não é simples a apropriação da imagem refletida como sendo ele mesmo, o bebê. Esse acontecimento é diferentemente experienciado por cada sujeito, observação da qual Lacan extrai consequências clínicas.

De frente para o espelho, o bebê começa a gesticular e variar sua postura, o que leva Lacan a concluir serem tentativas de relacionar as vivências perceptivas internas e sua correspondência com seus movimentos e sua visualização, quase gráfica, nas modificações de uma imagem (OGILVIE, 1988). Essa atividade pode ser encarada, então, como uma certa pesquisa de si. O júbilo demonstrado pelo bebê, que vê a forma total do corpo antecipada pela imagem, perpassa elementos que incluem não só o bebê, como também o corpo do outro, o desejo do Outro e o eu ideal. Diante do espelho, em sua pesquisa de si, o bebê vê seu corpo e o corpo do outro, em geral a mãe ou um cuidador presente na cena. Segundo Ogilvie (1988), "*a observação da criança diante do espelho redistribui as relações entre exterior e interior*" (1988, p. 110). Mas, o que significa dizer que nesse momento há uma redistribuição das relações entre exterior e interior? O que o espelho mostra é que a relação consigo mesmo passa por uma relação com o Outro. O exterior não é algo que somente provoca reações no sujeito, mas sim algo internalizado, o Outro está nele. Conforme vimos no capítulo anterior, o sujeito deseja o desejo do Outro. Assim, essa dimensão do Outro comanda, pois o sujeito, para Lacan, não é anterior ao mundo de formas que o fascinam, mas se constitui por elas e

com elas. Vemos, assim, que a dimensão do Outro é constitutiva para o sujeito, campo onde, articulado ao do sujeito, manobram as operações fundamentais⁵.

No acontecimento do espelho há o Outro que nomeia a criança, dizendo quem aquela imagem no espelho reflete. Portanto, enquanto a criança percebe que sua realidade interna, de seus movimentos, se reproduz naquela imagem, ao mesmo tempo, naquela imagem ela encontra também uma nomeação. Essa nomeação é feita por um semelhante – o outro – que encarna a função de Outro.

Se por um lado, a criança percebe que possui uma imagem a qual toma para si – e que esta se distingue e é separada da imagem do outro que a nomeia –, por outro lado, conforme aponta Ogilvie (1988), a exterioridade é internalizada pelo sujeito. Dessa maneira, a criança assume uma imagem e também um corpo que é seu, não do Outro. Esse processo resulta, segundo Lacan, na primeira experiência de [eu].

É fundamental salientar que a concepção do estádio do espelho não deve ser lida ao pé da letra, ou seja, ao falar de espelho, não necessariamente estamos tratando de um aparato de reflexo. Com o avanço das formulações sobre os três registros, o acento dado ao outro, enquanto semelhante, vai cedendo espaço à dimensão simbólica do Outro. Dessa forma, Lacan parte das observações relativas ao estádio do espelho, feita por psicólogos, mas conclui que o estádio do espelho deve ser compreendido “*como uma identificação*” (1949/1998, p. 97), marcando que essa primeira experiência de eu, apesar de levar o nome do aparato espelho, não necessita de tal objeto para acontecer. Portanto, prioriza-se nesse estudo, a “*transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem*” (Ibid). Do que se trata nessa transformação? Qual o papel da identificação na experiência de eu? Para nos aproximarmos dessas questões utilizaremos o estudo de Freud a respeito do narcisismo, intitulado *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914).

⁵ Esse modo de conceber o Outro se modifica ao longo do percurso de Lacan, sobretudo em seu último ensino com a introdução das questões postas por *lalangue*. O entendimento do Outro estruturado como uma linguagem cede espaço ao caráter inconsistente do Outro (LACAN, 1968-1969).

2.2. A topologia do Imaginário em Freud

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) Freud escreve sobre a sexualidade perverso-polimorfa do bebê, que relaciona-se ao auto-erotismo. Este é entendido como o momento em que o bebê goza de forma perversamente polimorfa com as sensações que o acometem. Do auto-erotismo ao narcisismo – definido como a apreensão do corpo, pelo sujeito, como um objeto sexual – há uma passagem. No narcisismo, a sensação do sujeito não mais se encontra em forma perverso-polimorfa, mas se organiza em libido, e a libido se direciona a objetos – no caso do narcisismo, a libido do sujeito se direciona a ele mesmo, como a um objeto sexual.

De acordo com Freud, a passagem do auto-erotismo ao narcisismo requer uma “nova ação psíquica” (FREUD, 1914/2006, p. 84). Mais tarde, em seu ensino, Lacan apresenta essa ação psíquica como uma identificação. Isto acontece porque a entrada no narcisismo requer a identificação da criança com o lugar apontado pelos pais; em outras palavras, indica uma resposta do sujeito a um lugar específico na cadeia simbólica. No estudo de Freud, a importância do narcisismo é tão grande que os sujeitos, em geral, vivem um renascimento deste ao gerarem filhos. Segundo Freud (1914), os pais afetuosos que realizam uma supervalorização dos seus filhos, o fazem por questões de cunho narcisista. Desse modo, para Freud (1914),

A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram – o menino se tornará um grande homem e herói no lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe em compensação para sua mãe. No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança. O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior. (FREUD, 1914/2006, p. 98)

A identificação diz respeito a esse lugar indicado pelos pais, de a criança realizar os “sonhos dourados que os pais jamais realizaram”. A criança identifica-se, assim, a esse lugar de “Sua Majestade o Bebê” (Ibid).

Voltando à leitura de Lacan do estágio do espelho “como uma identificação”, percebemos que há semelhanças entre a criança identificar-se com o lugar no desejo dos pais, apontado por Freud (1914), e identificar-se à imagem no espelho delineada por

Lacan (1949). A imagem no espelho será guiada pelo desejo dos pais, pelo desejo do Outro, sendo assim, uma leitura do inconsciente da criança. Podemos dizer, portanto, que o estádio do espelho, entre outras coisas, consiste em uma identificação da criança àquele lugar marcado pelo desejo dos pais, pelos seus próprios narcisismos renascidos. Este desejo de que a criança seja isso ou aquilo, determinado pelo narcisismo dos pais, servirá como um guia para a criança a partir do qual ela poderá responder à sua maneira. Desse modo, em um primeiro momento, abre-se para a criança a possibilidade de ela se identificar a essa nomeação, a esse lugar. A respeito da identificação, Lacan (1949) afirma:

O estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada no corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (LACAN, 1949/1998, p. 100)

Da prematuração em que o corpo – aquele do investimento libidinal, da pulsão, do contorno dado pelo significante – não está ainda formado, à antecipação de uma imagem da forma total do corpo, o estádio do espelho não é sem consequências. Identificar-se à imagem, identificar-se ao lugar dado no desejo dos pais coloca problemas para cada sujeito; e este terá que inventar sua forma singular de lidar com isso. No próximo item, pesquisaremos o segundo grande momento dedicado ao estádio do espelho, presente no Seminário I (1953-1954), onde Lacan analisa o experimento óptico do buquê invertido e suas correlações com o estádio do espelho, sob o ponto de vista – em 1953-1954, e mais desenvolvido do que em 1949 – dos três registros.

2.3. Desdobramentos do estádio do espelho: o *Seminário I*

Em seu estudo sobre os escritos técnicos de Freud, Lacan, em 1954, dedica uma parte do trabalho ao que chamou de tópica do Imaginário. A intenção do autor é esclarecer a técnica e a experiência freudiana a partir da articulação dos três registros: Real, Simbólico e Imaginário. Sobre a tópica do Imaginário, Lacan retoma a concepção do estádio do espelho e introduz o esquema óptico (com o experimento do buquê invertido) para falar de imagem de corpo, real e virtual. A partir do esquema óptico ingressaremos na investigação sobre a construção do corpo, assunto que envolve um olhar distinto do corpo encarado pela medicina. Veremos que Lacan articula o corpo-imagem, o corpo-fala, marcado pelo significante e o corpo-gozo, habitado pela libido. Com isso, torna-se possível a concepção do corpo a partir de cada um dos três registros.

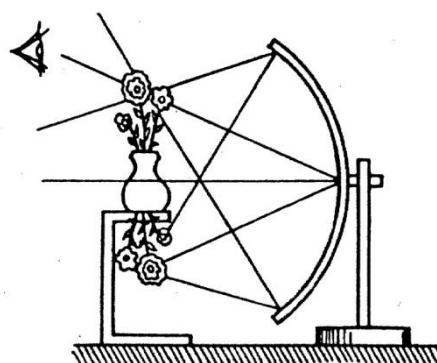
Lacan afirma que o processo de maturação fisiológica permite ao sujeito, num dado momento, integrar suas funções motoras e ascender a um domínio real do seu corpo. No entanto, antes disso, o sujeito deve já ter tomado consciência do seu corpo como totalidade, ou seja, ter um domínio imaginário de seu corpo. Sem a apropriação do corpo através da antecipação da imagem de si como corpo unificado o sujeito não consegue ascender a um domínio relativamente satisfatório de seu corpo. O estádio do espelho representa esse momento de domínio imaginário. Na cena do espelho, há também a presença do corpo de um outro, visualizado como uma imagem unitária, total. Esse outro representa a imagem unitária, e por isso tem um valor cativante para o sujeito. O sujeito se vê, assim, em relação ao outro, que está na posição de eu ideal, ou seja, o outro se apresenta como uma imagem unitária e esse é o ideal a ser alcançado. A partir do outro especular, o sujeito constitui sua identidade, sendo a relação do sujeito com os objetos mediada pelo eixo Imaginário. De acordo com Lacan (1953-1954),

o sujeito localiza e reconhece originalmente o desejo por intermédio não só da sua própria imagem, mas também do corpo do seu semelhante. É exatamente aí, nesse momento, que se isola, no ser humano, a consciência enquanto consciência de si. É na medida em que é no corpo do outro que ele reconhece o seu desejo que a troca se faz. É na medida em que o seu desejo passou para o outro lado, que ele assimila o corpo do outro e se reconhece como corpo. (LACAN, 1953-1954/1986, p. 172-173)

A dialética imaginária que se estabelece através do espelho comporta uma oscilação entre o corpo despedaçado e a imagem unitária de si ou do outro. O sujeito vê o outro como corpo perfeito, mas o seu próprio ele vê como corpo despedaçado. Por intermédio da imagem do outro como unitária, o sujeito tem a fantasia de seu domínio

sobre seu próprio corpo. Com isso, o sujeito vê seu ser no espelho em relação ao eu ideal. Conforme vimos, o estádio do espelho dá forma ao narcisismo no sentido de a criança ser guiada pelo que fazem dela, ou seja, pela projeção de um ideal dos pais.

O esquema óptico foi usado em correlação com a teoria do estádio do espelho a partir do primeiro seminário (1953-1954) de Lacan. Esse modelo óptico, baseado no experimento do *buquê invertido*⁶, do físico Henri Bouasse, é empregado como modelo expositivo da teoria do estádio do espelho.

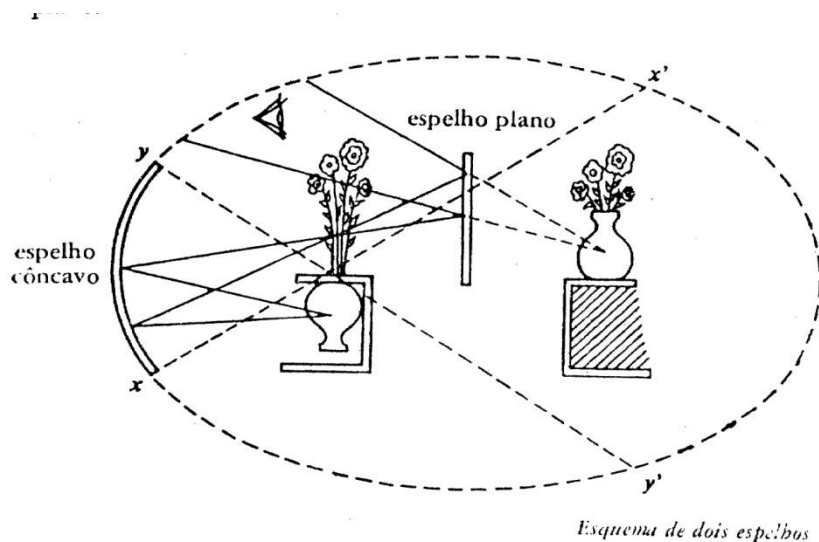


O experimento do buquê invertido

Lacan se baseia no experimento do buquê invertido, representado acima, porém introduz nele algumas mudanças. Em seu modelo⁷, de dois espelhos, há um olho flutuante, um vaso de plantas de cabeça para baixo, um buquê de flores, um espelho côncavo e um espelho plano. No arranjo dos elementos, a imagem resultante é a mudança de posição do vaso, passando a conter o buquê de flores. Lacan analisa as duas imagens, real e virtual, assim como a função do olho no modelo, sob o ponto de vista do que esse modelo tem a nos ensinar sobre investimento especular e narcisismo.

⁶ Figura extraída de *O seminário, livro 1* (LACAN, 1953-1954/1986, p. 94).

⁷ Figura extraída de *O seminário, livro 1* (LACAN, 1953-1954/1986, p. 147).



O estádio do espelho é, portanto, um momento de virada, onde o indivíduo, em júbilo, relaciona seus movimentos a uma imagem correspondente no espelho. Ao se avistar de fora, de acordo com a relação simbólica representada pelo olho flutuante, o indivíduo tem a sensação de um primeiro domínio de seu corpo. Das duas imagens, uma real e outra virtual, a imagem real só pode ser vista num certo campo do espaço real, enquanto que a imagem que se vê, depende, contudo, da inclinação do espelho. A posição do olho flutuante é o representante da relação simbólica presente na cena, além de ser também o que define o “maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação, do imaginário” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 165). Dessa forma, baseado na representação do estádio do espelho, Lacan conclui que a relação entre o Imaginário e o Real depende da situação do sujeito, representada no esquema pelo olho que passeia. A situação do sujeito é essencialmente caracterizada pelo seu lugar no mundo simbólico, mundo da palavra.

Lacan sinaliza sobre a difícil acomodação do imaginário no homem, pois esta depende do lugar de onde se vê, da inclinação do espelho, fazendo com que se veja bem ou mal, o centro e as bordas. A inclinação do espelho representa a relação simbólica por ser comandada pela voz do Outro. Essa voz, conforme vimos, dá um nome àquele amontoado de matéria, inserindo-o na ordem simbólica. Conclui-se, com isso, que o imaginário depende da inscrição no simbólico, ou seja, a relação simbólica determina a imagem que se vê no espelho. A respeito da relação simbólica, Lacan afirma:

Que um nome, por mais confuso que seja, designe uma pessoa determinada, é exatamente nisso que consiste a passagem ao estado humano. Se se deve definir em que momento o homem se torna humano, digamos que é no momento que, por menos que seja, entra na relação simbólica (LACAN, 1953-1954/1986, p. 182)

A relação simbólica tem importância central para a constituição do sujeito e de seu corpo. Porém, é fundamental observar que, apesar de a psicanálise se utilizar da palavra como instrumento do tratamento, há algo que escapa ao Simbólico, algo impossível de ser posto em palavras. Sobre isso Lacan afirma, ainda em 1953-1954, que “A palavra pode exprimir o ser do sujeito, mas, até certo ponto, não chega nunca a isso” (Ibid, p. 128). Em vista da possibilidade do Simbólico representar o sujeito até certo ponto, Lacan sinaliza a parte furada, o furo que escapa à relação especular. Segundo Lefort (1991), a primeira forma do estádio do espelho é referente ao narcisismo e ao reconhecimento pelo Outro. Já no esquema óptico, a novidade introduzida em relação à primeira forma do estádio do espelho é que este esquema:

Está ali para figurar o que pode haver de furado no espelho-plano do Outro, espelho sem aço, que porta o sujeito num ponto I, distinto do lugar de $i'(a)$ que permite ao sujeito apreender o que tem a sua identificação de fundamentalmente ilusório, na medida em que ela é narcísica, o que já verificava a criança no colo do Outro, ao se voltar para esse Outro que o portava. Mais além da imagem do corpo investida como Eu Ideal, situa-se em I esse Ideal do Eu, isto é, aquilo a que o sujeito se identifica ao entrar na estrutura significante, para além da observação imaginária. (LEFORT, 1991, p. 17-18)

No esquema óptico, Lacan aponta que, para além do investimento no corpo daquele sujeito como Eu Ideal, que dará forma à imagem, há um ponto de Ideal do Eu, possibilitado pelo movimento que a criança faz, ao se voltar para o Outro que a carrega, situando aquilo com que o sujeito se identifica ao entrar na estrutura significante. Esse ponto só é possível se o espelho-plano contiver um furo que revele para o sujeito em constituição o caráter ilusório de sua imagem. A partir do que há de furado no espelho, então, é que Lacan seguirá avançando em suas teorias sobre o estádio do espelho. Observaremos que esse furo, apesar de parecer um detalhe, é justamente o que há de mais fundamental quando se trata de construir um corpo. De acordo de Lacan (1953-1954),

No jogo intra-analítico, certas fases ou certas faces – não hesitemos em fazer trocadilhos – da imagem real nunca poderão ser dadas na imagem virtual. Ao contrário, tudo que é acessível por simples mobilidade do espelho na imagem virtual, é antes a situar no pré-consciente. Ao passo que as partes da imagem real que nunca serão vistas, os lugares em que

o aparelho emperra, em que se bloqueia – não temos mais nenhuma razão para não empurrar um pouco mais adiante a metáfora –, isso, é o inconsciente. (LACAN, 1953-154/1986, p. 185)

Freud descobriu o inconsciente nos lapsos, atos falhos e chistes, e Lacan, como freudiano, seguiu buscando, no que falha, o inconsciente. A partir destas pistas, investigaremos como aquilo que emperra, que não funciona, isto é, o inconsciente, se relaciona com a constituição do corpo.

2.4. Novos desdobramentos do estádio do espelho: o *Seminário X*

Até este momento de nossa leitura, localizamos que na construção do estádio do espelho há um furo, uma parte que não é especularizável. Nessa construção, que pretende representar o que do corpo é imaginizável e tratado pelo Simbólico, há um furo. Esse furo, de que ordem é?

No primeiro capítulo, a partir das contribuições de Lacan sobre as relações de objeto (1956-1957), vimos que é no momento do Édipo que a criança localiza a falta em sua mãe, quando ela se desloca da posição de vir a completar a falta da mãe, ou, em outras palavras, de vir a ser o falo que completaria a mãe. Nesse sentido, o desejo da mãe está para além da criança, está em algo que faz com que a mulher não se satisfaça inteiramente em ser mãe. A criança, segundo orienta Miller (2004), divide-a entre mãe e mulher. Essa divisão só é possível, no entanto, se o desejo da mãe seguir a lógica fálica, ou seja, se o Desejo da Mãe puder ser substituído pelo significante Nome-do-Pai, elemento que barra a criança de ser tudo para o Desejo da Mãe. Nesse momento da obra de Lacan, o Édipo estava situado como a única saída da neurose, e a metáfora paterna como condição para a constituição de um sujeito neurótico. No entanto, veremos adiante, em nosso terceiro capítulo, seguindo as complementações que Lacan faz sobre o pai, como é possível pensar em outras formas de tornar-se sujeito desejante sem, contudo, necessariamente, apoiar-se na metáfora paterna.

Sobre a substituição do Desejo da Mãe pelo Nome-do-Pai, onde o pai entra em cena como castrador da criança, Freud se refere, em seus termos, como sendo esta uma

operação fundamental nos sujeitos, chamando-a de complexo de castração. O complexo de castração, para os meninos, seria a ameaça de um castigo que consistiria em cortar-lhes o pênis. Essa fantasia de cortar o pênis mobiliza as crianças na busca de elaborar as questões de ter ou não ter o pênis, a ameaça de perda do pênis, o motivo de as meninas e a mãe não o possuírem, enfim, todo um arcabouço de questões em torno do pênis, que, conforme vimos, não são de ordem concreta, mas, que remetem ao falo, para usar o termo de Lacan.

Freud descreve que a castração, no caso dos meninos, aparece como uma ameaça de cortar fora o pênis. No caso das meninas, elas próprias se consideram, mesmo que por um momento, castradas pela mãe e em, seguida, pelo pai. Isto ocorre porque a mãe, primordialmente, é considerada como possuidora de falo, mãe fálica, estando, conforme aponta Lacan (1956-1957), a criança na posição de falo que possibilitaria essa visão da mãe. Somente posteriormente é que acontece a descoberta da castração da mãe. A questão não é só, no entanto, de ter ou não ter o pênis. A que, então, a questão de ter ou não ter o pênis se refere?

Conforme veremos em nossa análise do caso do pequeno Hans, presente no terceiro capítulo, não foi propriamente a ameaça de cortar fora o pênis de Hans o principal elemento de seu complexo de castração. Para Hans, a angústia de perder seu pênis só ganha algum valor a partir do momento em que, com o nascimento de sua irmãzinha e com a agitação pulsional que aparece em seu pênis, ele é deslocado da posição de falo materno, ou seja, de ser aquilo que completaria a mãe. Com a descoberta de que a castração é para todos, e não só relativa à ameaça de perda do pênis, o caso de Hans nos ensina que a castração tem a ver com o perder o lugar de ser o falo materno, e se posicionar frente ao desejo. A partir dessa visada, tornou-se possível pensar a castração da perspectiva das meninas, considerando que se esta fosse algo relativo à ameaça de perda do pênis, as meninas não estariam na lógica da castração.

Se, pela via do Imaginário, pode ser resumido entre ter ou não ter, cortar ou manter o pênis, etc, pela via do Simbólico, o falo é um significante que produz um furo na organização significativa, ou seja, é um significante que funciona como um feixe para amarrar os outros significantes em torno da falta. Ao falar de falta, nos remetemos às operações fundamentais de alienação e separação, abordadas no item 1.4 de nosso primeiro capítulo. Para tornar-se sujeito, é preciso separar-se dos significantes oriundos

do campo do Outro de forma que se escancare que o Outro é também faltoso. Da sobreposição das faltas, cai o objeto *a*, motor da divisão do sujeito que o marca como faltoso e, por conseguinte, desejante (LACAN, 1964/2008).

É possível observar, assim, que o falo perpassa, de forma central, a constituição do sujeito. O complexo de castração, ou seja, a ameaça de castração, que permite ao homem assumir seus atributos masculinos, e à mulher de fazer semblante de ser o falo que não possui, deixa sequelas resultantes desse complexo (LACAN, 1958a). Podemos entender que uma dessas sequelas é o fato dos sujeitos regidos pela lógica fálica serem divididos e desejantes. Isso ocorre porque é justamente o arranjo que se faz com o falo que possibilita ao sujeito persegui-lo de maneira desejante. Aos homens, cabe assumi-lo, e às mulheres, fazer semblante de sê-lo. Para tal, é preciso que ocorram as operações fundamentais, de modo que o sujeito possa aceitar as faltas, a dele e a do Outro. É preciso que a falta falte para dar lugar ao desejo. Essa operação, sublinhamos, concerne ao campo das neuroses. Na perversão, melhor exemplificada pelos fetichistas, a maneira de lidar com a castração é diferente. O fetichismo é uma forma de tamponar a falta, numa tentativa de desmentir a castração, pois o fetichista reconhece a existência da falta, porém coloca um véu para velar o que está furado.

O que há de semelhante no complexo de castração dos meninos e das meninas, na neurose, é o fato dele girar em torno do falo. Em *A significação do falo* (1958a), Lacan afirma:

O falo é aqui esclarecido por sua função. Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isso um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade implicada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza. (...) Pois o falo é um significante, um significante cuja função, na economia intra-subjetiva da análise, levanta, quem sabe, o véu daquela que ele mantinha envolta em mistérios. Pois ele é o significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante. (LACAN, 1958a/1998, p. 696-697)

O falo é o significante no complexo de castração e possui a função de amarrar os registros a partir da lógica fálica, na neurose. A castração, portanto, diz respeito a algo simbólico, e não se resume a ter ou não ter pênis, cortá-lo ou mantê-lo. A castração representa a impossibilidade de completude, aquilo que não pode ser resumido em

palavras ou imagens. O falo é concebido, assim, como o significante privilegiado para amarrar o sujeito justamente em torno da falta.

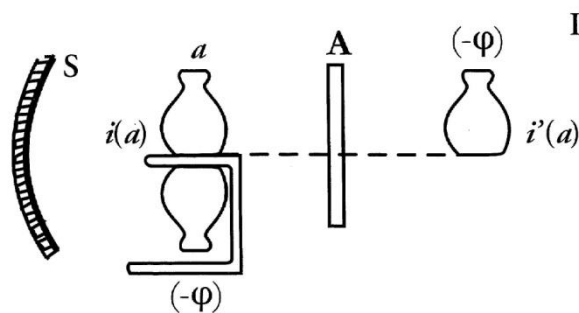
A castração é do sujeito, mas é também, conforme vimos no item 1.4., do Outro materno, e esta é uma questão importante para a criança no processo de constituição subjetiva. É a partir da elaboração que a criança faz em torno da falta da mãe que ela se movimenta no trabalho de tornar-se sujeito. Em determinado momento, a mãe deixa de ocupar uma posição fálica, o que desloca também a criança da posição de ser aquilo que completaria a falta da mãe. A partir da localização dessa falta, algo muda na dinâmica da criança com a mãe. À criança se apresenta a possibilidade de ser ou não o falo que falta à mãe. Nesse sentido, na neurose, o falo passa a se localizar fora da criança, ela não mais precisa, automaticamente, preencher esse vazio. A questão se desloca, então, de ser ou não ser o falo, para ter ou não ter o falo, apoiado o sujeito na função paterna⁸.

Com Hans, vemos que, no momento do nascimento de sua irmãzinha, ele é deslocado da posição de falo materno e, sem poder contar com o 4º termo nos termos clássicos, ele entra em uma angústia avassaladora. No terceiro capítulo, analisaremos o trabalho subjetivo que Hans realizou, por meio de sua fobia de cavalos, para lidar com esse deslocamento bem como com a questão emergente de deixar de ser o falo para ter o falo.

O falo, significante da castração, também se relaciona com o estágio do espelho e a construção do corpo. No experimento do buquê invertido, o falo é representado por menos *phi* ($-\phi$). Esse lugar do menos phi não possui imagem. Em tudo o que é demarcação imaginária, o falo virá, a partir daí, sob a forma de uma falta. O falo aparece como um a menos, como uma lacuna. O falo é, portanto, cortado da imagem especular⁹.

⁸ A respeito da função paterna, nos deteremos com mais cuidado em nosso terceiro capítulo, abordando as alterações e passagens referentes aos conceitos de metáfora paterna, Nome-do-Pai e *père-version*, e de que forma podemos pensar o caso Hans com o auxílio desses conceitos.

⁹ Figura extraída de *O seminário, livro 10* (LACAN, 1962-1963/2005, p. 105).



A escolha de objeto

Esse lugar do menos *phi* deve estar vazio, ou seja, a falta tem que faltar. Em *O seminário, livro 10* (1962-1963/ 2005) Lacan afirma que a angústia de castração aparece, justamente, quando a falta não vem a faltar, quando algo aparece no lugar em que deveria estar o $-\phi$. Nesse sentido, não é a castração que angustia o sujeito: “Aquilo diante de que o neurótico recua não é a castração, é fazer de sua castração o que falta ao Outro.” (Ibid, p. 56). Podemos entender o falo, então, como um instrumento na relação com o Outro, pois é, ao mesmo tempo, um instrumento de medida – quem o tem ou quem não o tem – como também um instrumento de localização da falta, em si, e no Outro, fundamental nas operações de alienação e separação. De acordo com Lacan (1962-1963):

A possibilidade da ausência, eis a segurança da presença. O que há de mais angustiante para a criança é, justamente, quando a relação com base na qual essa possibilidade se institui, pela falta que a transforma em desejo, é perturbada, e ela fica perturbada ao máximo quando não há possibilidade de falta, quando a mãe está o tempo todo nas costas dela, especialmente a lhe limpar a bunda, modelo da demanda, da demanda que não pode falhar. (LACAN, 1962-1963/ 2005, p. 64)

É preciso, no entanto, nos aprofundarmos nisso que chamamos de falta. Se, por um lado, o falo, representado no estágio do espelho como menos *phi*, é cortado da imagem especular, por outro, um furo na imagem indica também um furo na organização significante. Na neurose, o significante fálico é o que amarra os três registros na constituição do sujeito¹⁰. Isso ocorre porque o sujeito só se constitui se aceitar o furo significante, se aceitar a falha nele, e no Outro. Dessa maneira, o sujeito

¹⁰ Vale ressaltar que, em nosso trabalho, estamos utilizando, principalmente, o referencial dos primeiros seminários de Lacan. Em seu último ensino, essa concepção do significante fálico ser o que amarra os registros dá lugar ao conceito de enodamento dos registros a partir de outras possíveis versões do pai, denominadas como nomes-do-pai, o que vale para todos os sujeitos. Abordaremos a questão das versões do pai, articulada ao caso Hans, em nosso terceiro capítulo.

passa a se referenciar justamente pelo que falta. Nesse sentido, o falo, representante da falta, apesar de não ter imagem, pode se apresentar no corpo do homem, na presença de seu pênis, ou como o semblante de falo feito pela mulher, que por não tê-lo, faz semblante de sê-lo. Conforme resume Lacan, sobre o sujeito e o falo: “ele não é sem tê-lo.” (Ibid, p. 101), em algum lugar.

O falo, representante do que faz furo no Imaginário e no Simbólico, no entanto, não diz respeito ao Real. A vertente Real da falta, analisada por Lacan em 1956-1957 com a operação da privação, ganha outro contorno no seminário sobre a angústia (1962-1963), onde Lacan utiliza o termo objeto *a* para abordar a vertente Real da falta. O objeto *a*, que não tem representação no Simbólico, é caído do desastre da entrada na linguagem, ou seja, ele é perdido desde o nascimento. Segundo Lacan (1962-1963):

O pequeno *a* se faz assim. Faz-se assim quando se produz o corte, seja ele qual for, quer o do cordão umbilical, quer o da circuncisão, e mais alguns outros que teremos que designar. Depois do corte, resta algo comparável à banda de Moebius, que não tem imagem especular. (LACAN, 1962-1963/ 2005, p. 110)

O objeto *a*, assim como o $-\phi$ não possui imagem especular, o que faz com que Lacan os coloque na mesma posição, de lados diferentes no esquema do buquê invertido presente em *O seminário, livro 10* (1962-1963). Assim, o lugar da falta do lado direito é nomeado como $-\phi$ e corresponde ao lugar do objeto *a*, do lado esquerdo.

A falta aparece em diversos momentos de nosso estudo. No primeiro capítulo optamos por começar analisando de que maneira o jogo do *fort-da*, realizado insistentemente pelas crianças, nos coloca a questão da simbolização da presença e ausência da mãe. Passamos, em seguida, para a questão do objeto de desejo da mãe e o lugar que a criança pode vir a ocupar. Para nos aprofundarmos na questão do que é se constituir como sujeito, investigamos as operações fundamentais de alienação e separação. No segundo capítulo, analisamos os três principais momentos do estádio do espelho, entendendo que a questão sobre ter um corpo, que não é dado desde o nascimento, é algo a ser construído singularmente e se relaciona com o trabalho subjetivo de tornar-se sujeito. Ter um corpo e ser um sujeito, na neurose, são operações que requerem uma aceitação da falta nas diversas dimensões apresentadas. A seguir, no próximo capítulo, trataremos do caso do pequeno Hans, de Freud (1909), apostando que a maneira como Hans lidou com suas questões, assim como suas elaborações em torno destas, nos ensinam sobre o trabalho que as crianças fazem para tornarem-se sujeitos.

3. Capítulo 3: Hans em trabalho

Investigar o trabalho que as crianças fazem quando estão em vias de tornarem-se sujeitos não pode ser tomado como algo linear e semelhante para todas as crianças. Apesar de termos recortado algumas das principais questões relativas à constituição subjetiva, podemos pensar que se o caminho fosse previamente dado e único, nenhuma criança chegaria à análise. Ou seja, as principais questões de se constituir são construídas por cada criança de maneira particular e, na tentativa de localizar de que se trata, os psicanalistas de orientação lacaniana, formularam os termos guias para nos auxiliar no atendimento a crianças, a partir da escuta clínica.

Dessa forma, vemos que ao falarmos dos pais, não tratamos propriamente dos pais “da realidade”, mas sim das funções correspondentes e, sobretudo, de como a criança interpreta o que vem dos pais. E com isso, há um deslocamento: não há fórmulas para a criação e educação dos filhos, pois a imprevisibilidade de como a criança recebe e interpreta as ações e o desejo dos pais é o que rege a relação. Conforme vimos no primeiro capítulo, o Outro não está dado de início, ele é construído por cada sujeito. Isso significa dizer que a constituição subjetiva não acontece de uma mesma maneira para todos, sem percalços. Por essa razão, algumas crianças são levadas à análise. Há, portanto, tropeços e sintomas que, por vezes, os pais e médicos não dão conta de solucionar justamente por serem de outra ordem, já que não se trata simplesmente de corrigir o comportamento dos filhos ou solucionar sintomas com remédios.

O que os sintomas das crianças podem estar nos indicando? Que obstáculos difíceis de transpor estão em jogo para essa ou aquela criança? Neste capítulo escolhemos abordar o caso Hans analisado por Freud (1909), por ele ter sido o primeiro caso de análise com uma criança. Este foi uma experiência única no trabalho analítico de Freud e marcado por uma conjuntura bastante diferente. Com Hans, Freud descobriu que a criança é um sujeito, por ela ser capaz de fazer análise (LAMY, 2009). Lido e relido diversas vezes por mais de um século, o caso do pequeno Hans ainda mantém-se atual para pensarmos as questões da análise com crianças. Ao examinarmos o relato de

Freud procuraremos situar: Qual o trabalho realizado por Hans para tornar-se sujeito, bem como os impasses que se colocaram para que seu pai viesse a solicitar tratamento para seu filho.

Para desenvolvermos essa questão, primeiramente, resumiremos o caso utilizando apenas as interpretações feitas pelo pai de Hans e por Freud. Em seguida, realizaremos um levantamento bibliográfico da teoria de Freud sobre a angústia, buscando situar de que modo a angústia aparece no caso Hans. Adiante, nos apoiaremos nas leituras de Lacan, apresentadas no seminário sobre *A relação de objeto* (1956-1957), e por outros autores que se dedicaram a pensar as contribuições de Hans para a psicanálise com crianças, nos guiando, sempre, por nossa pergunta base. Por fim, nos deteremos na questão paterna observada no caso.

3.1. Relato do caso

Por volta da época em que escreveu seus *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud pediu a seus discípulos e amigos que anotassem observações a respeito da sexualidade de bebês e crianças com o intuito de provar a teoria que apresentou nos ensaios. Dentre esses discípulos, estavam os pais de um menino que Freud nomeou como Hans quando da escrita do caso. O pai de Hans escrevia relatórios a Freud sobre a sexualidade de seu filho, até que houve um momento em que essas cartas se transformaram em um pedido de ajuda – Hans, com a idade de pouco mais de 4 anos, estava com um medo intenso de ser mordido por cavalos. Vale lembrar que, à época, em Viena, o meio usual de se locomover era através de carroças e ônibus, todos movidos a cavalos. Podemos, assim, ter uma ideia do problema que era, para o menino e seus pais, o medo de cavalos.

Os relatórios do pai de Hans se transformaram, então, em um dispositivo de análise por carta. Semanalmente o pai de Hans escrevia a Freud e, numa jogada astuta, disse ao menino que o professor o ajudaria a se curar de sua “bobagem”. Bobagem era

como Hans e seus pais chamavam o seu medo de cavalos. Com isso, Hans foi facilmente envolvido nesse dispositivo, passando, inclusive, a solicitar ao pai, por vezes, que escrevesse alguns de seus pensamentos, sonhos, ou comportamentos ao professor.

Informações do período antes da fobia foram escritas pelo pai de Hans e analisadas por Freud como sendo um prelúdio para a fobia. Reproduzimos, aqui, alguns desses momentos considerados como importantes para pensar a eclosão da fobia em Hans.

Com a idade de quase três anos, Hans demonstrava interesse em saber mais sobre o que chamava de *Wiwimacher*, forma infantil de se referir ao pênis. O termo em alemão foi traduzido como pipi. À época, Hans perguntou à sua mãe se ela também tinha um pipi e recebeu uma resposta afirmativa da mesma. Hans demonstrava uma curiosidade sexual aguçada e não só expressava seu interesse quando via animais, como também procurava saber se objetos inanimados possuíam pipi. Dessa forma, descobriu a diferença entre os objetos animados e inanimados, diferenciando-os a partir do referencial de ter ou não pipi. De acordo com Freud (1909),

Hans tinha observado que os animais grandes tinham pipis que eram correspondentemente maiores que o seu; por conseguinte suspeitou de que o mesmo procedia quanto a seus pais, e ficou ansioso para ter certeza disso. Sua mãe, pensou ele, certamente tem um pipi 'como um cavalo'. (FREUD, 1909/2006, p. 99)

Seu interesse, contudo, não era puramente teórico: aos três anos e meio sua mãe o viu tocar em seu pipi, cena que resultou em uma ameaça de chamar o Dr. A para cortar fora o pipi de Hans caso ele o tocasse de novo. Com a mesma idade ocorreu o nascimento da irmã Hanna, acontecimento que impulsionou Hans na busca de entender qual a relação existente entre os elementos mãe, cegonha, pipi, o sangue visto na cena do pós-parto e o bebê. Seu interesse sobre a origem das crianças persistia juntamente com seu intenso interesse relativo aos pipis. Com sete dias de nascida, durante o banho, Hans observa que o pipi de sua irmã ainda era bem pequenininho, e afirma que ele ainda ficaria maior quando ela crescesse. Alguns meses mais tarde, concluiu que sua irmã havia *ganhado* um pipi pequenininho.

Em outra ocasião, o pai de Hans fez o desenho de uma girafa e solicitado por Hans para que desenhasse o pipi da girafa, sugeriu que ele mesmo o desenhasse. Hans

fez então uma linha entre as pernas da girafa, e depois acrescentou um alongamento, afirmando que o pipi da girafa era mais comprido.

Hans interagiu com outras crianças, da vizinhança, do senhorio, e participava das viagens que os pais faziam. No entanto, um episódio envolvendo uma das outras crianças requer especial atenção. Mariedl, filha do senhorio tinha quatorze anos e costumava brincar com Hans. Certa noite Hans disse querer que Mariedl dormisse com ele. Cabe ressaltar que, até pouco mais de quatro anos, Hans ainda dormia no quarto dos pais, indo para a cama deles “mimar” com sua mãe todas as manhãs. Seu pai, timidamente, fez esforços em cortar essa ida à cama dos pais, porém, a mãe de Hans tomava o filho em sua cama mesmo assim. No episódio em questão, Hans insistiu em dormir com Mariedl, pedindo aos pais que ela fosse dormir com eles. Negada sua vontade, Hans disse “Ah, então vou descer e dormir com Mariedl” (FREUD, 1909/2006, p. 25). Em resposta, sua mãe pergunta se Hans queria mesmo sair de junto deles. Hans, decidido, afirma que voltaria de manhã, ao que sua mãe reage mandando-o pegar suas roupas e ir. De fato o menino pegou suas roupas e se dirigiu para a escada, mas foi impedido de realizar sua vontade¹¹.

Hans passou a demonstrar interesse por meninas, não só por Mariedl. Por essa época, relata seu primeiro sonho, puramente auditivo, o qual envolvia um jogo de prendas, baseado em um jogo que Hans jogava com seus amigos. Porém, no sonho, a prenda consistia em ser obrigado por outra pessoa a fazer pipi. Ajudar Hans a urinar foi interpretado tanto pelo pai quanto por Freud como um ato prazeroso para Hans, pois implicava em uma exposição e toque em seu pênis. Anteriormente, Hans já havia perguntado a sua mãe, enquanto esta polvilhava talco em seu pênis, por que ela não colocava o dedo ali, no pênis dele. A mãe, demonstrando asco, rejeitou esse pedido.

Com quatro anos e meio Hans viu, novamente, darem banho em sua irmã Hanna e riu, justificando que era porque o pipi de Hanna era bonito. Na interpretação do pai de Hans, o menino não estava rindo porque achava o pipi de Hanna bonito, mas sim porque o achava engraçado, marcando esta como a primeira vez em que Hans reconheceu a diferença entre os genitais masculino e feminino, ao invés de negar a existência da diferença.

¹¹ Podemos interpretar esse episódio como uma tentativa de Hans em se separar daquele lugar de gozo que era a cama dos pais.

Com aproximadamente quatro anos e nove meses, o pai de Hans, que até então enviava relatórios a respeito da curiosidade sexual de seu filho, escreveu a seguinte carta, relatando o surgimento da fobia de seu filho:

Meu caro Professor: estou-lhe enviando mais alguma notícia a respeito de Hans, só que desta vez, lamento dizê-lo, se trata de material para um caso clínico. Como o senhor verá, nesses últimos dias ele vem apresentando um distúrbio nervoso que nos tem preocupado muito, a mim e minha esposa, pois não temos sido capazes de encontrar meio algum de corrigi-lo. Tomarei a liberdade de ir vê-lo amanhã... mas por enquanto... junto os apontamentos que fiz sobre o material de que dispunha. Sem dúvida, o terreno foi preparado por uma superexcitação sexual devido à ternura da mãe de Hans; mas não sou capaz de especificar a causa real da excitação. Ele receia que *um cavalo vá mordê-lo na rua*, e esse medo parece estar de alguma forma relacionado com o fato de ele vir-se assustando com um grande pênis. Conforme o senhor soube, por um relato anterior, já em uma idade deveras precoce ele havia notado como são grandes os pênis dos cavalos, e nessa época deduziu que sua mãe, por ser tão grande, deveria ter um pipi como o do cavalo. (FREUD, 1909/2006, p. 29)

O pai de Hans, preocupado e em busca de explicações, localiza que a fobia que eclodiu em seu filho teria relação com o que chamou de ternura da mãe e com os pênis dos cavalos. Freud, no entanto, considera precipitado tentar compreender o caso logo à primeira vista e continua sua observação dos relatos. Interessa-nos a interpretação do pai de Hans, pois além de ser ele o interlocutor do Freud, ele, de certa forma, guia a análise do menino a partir das sugestões de Freud e de seus próprios improvisos.

Na sequência, Hans relatou um sonho em que sua mãe tinha ido embora. Mergulhado em sentimentalismos na hora de dormir e choros na rua dizendo querer voltar pra casa para “mimar” com sua mãe, Hans estava no começo de sua angústia, conforme analisa Freud. O primeiro significado para não querer ir às ruas é, segundo Freud (1909), devido ao menino querer ficar junto à sua mãe, para “mimar” com ela:

(...) no início de sua doença não havia, até então, fobia alguma, quer com relação às ruas ou a passear, quer com relação a cavalos. Caso existisse, os estados que Hans assumia à noite seriam inexplicáveis; quem está para dormir se incomoda com ruas e passeios? Por outro lado, torna-se claro o motivo por que ele ficava tão assustado à noite, supondo-se que à hora de dormir certa intensificação de sua libido apossava-se dele: pois o objeto desta era sua mãe, e seu objetivo talvez tenha sido dormir com ela. (FREUD, 1909/2006, p. 31-32)

Um fato que não recebe muita relevância no relato é que Hans colocava a mão em seu pipi na hora de dormir, apesar da advertência para que não pusesse a mão lá. Voltaremos a isso adiante.

Com a intensificação do medo de cavalos, Freud combinou com seu pai que ele diria a Hans que era bobagem tudo aquilo relacionado a cavalos e que, na realidade, Hans gostava muito de sua mãe e queria que ela o levasse para sua cama. A partir daí, bobagem foi a palavra utilizada por todos ao se referir ao medo de cavalos. Freud reparou que a fobia de cavalos era um obstáculo para o menino ir à rua, pois, dessa maneira, ficaria em casa com sua mãe. Seguindo os conselhos de Freud, o pai de Hans dá esclarecimentos ao filho sobre os pipis, incluindo os pipis da mãe e da irmã de Hans. Ainda assim, Hans continuou confuso. Segundo Freud, a confusão se dava por ele ainda lembrar-se da ameaça de sua mãe de cortar seu pipi fora caso ele colocasse a mão nele, ação que ele continuava a fazer durante as noites. Hans juntava as informações sobre os pipis de Hanna e de sua mãe, mesmo sem acreditar totalmente nelas, com a ameaça de cortar o seu fora, resultando, segundo Freud, em seu complexo de castração.

Certa noite Hans foi para o quarto dos pais (nessa época o menino já tinha seu próprio quarto) e no dia seguinte narrou o sonho que o levou à cama dos pais:

De noite havia uma girafa grande no quarto, e uma outra, toda amarrotada; e a grande gritou porque eu levei a amarrotada para longe dela. Aí, ela parou de gritar; então eu me sentei em cima da amarrotada. (FREUD, 1909/2006, p. 40)

A interpretação que o pai de Hans deu, com a qual Freud concordou foi a de que o sonho era uma reprodução da cena que se repetia pelas manhãs entre Hans, que entrava no quarto dos pais, e a mãe, que o tomava em sua cama. A girafa grande, o pai, gritava para a mãe não levá-lo consigo para a cama, sem sucesso. Hans sentava, então, na amarrotada, numa imagem de posse da mãe. Há, no entanto, uma outra interpretação feita pelo pai, na qual a girafa grande era a mãe, ao que Hans retruca em a amarrotada ser Hanna. Vemos, assim, que não há uma interpretação fechada, no caso, a respeito desse sonho, mas ele diz algo sobre as formulações de Hans a respeito de possuir e ser possuído.

Poucos dias após esse sonho ocorreu a única consulta com Freud. Nessa consulta, Freud ficou sabendo que o medo de cavalos não havia diminuído e que o menino tinha um particular incômodo com o preto no entorno da boca dos cavalos. Freud estava certo de que a fobia teria relação com o fato de Hans sentir medo de seu pai. Nessa hipótese Hans pensaria que seu pai estaria aborrecido com ele por conta dos sentimentos que tinha em relação a sua mãe. Entretanto, Freud esclarece a Hans que seu

pai gostava dele apesar de tudo. No caminho de casa, depois da consulta, Hans pergunta a seu pai se o professor conversava com deus, pois parecia a Hans que Freud já sabia de tudo.

A partir daí se abre a possibilidade de o pai e de Freud começarem a pensar aonde entrava o pai na fobia de Hans. Havia um conflito entre o amor que Hans tinha por seu pai e a hostilidade que sentida por ele, pelo fato do pai representar um rival perante sua mãe. De acordo com Freud (1909),

Hans era realmente um pequeno Édipo que queria ter seu pai ‘fora do caminho’, queria livrar-se dele, para que pudesse ficar sozinho com sua linda mãe e dormir com ela. Esse desejo tinha-se originado durante suas férias de verão, quando a presença e a ausência alternativa de seu pai tinha atraído a atenção de Hans para a condição da qual dependia a intimidade com sua mãe, que ele desejava tanto. Nessa época a forma tomada pelo desejo tinha sido simplesmente que seu pai devia ‘ir embora’. (FREUD, 1909/2006, p. 103)

Freud analisa que, nesse momento, havia dois componentes: medo *de* seu pai e *por* seu pai. Não querer sair de casa teria relação com o medo de voltar e seu pai ter ido embora, fantasia que resultaria em Hans ter que ser o pai. Assim, se por um lado, Hans gostaria de ficar a sós com sua mãe, por outro, essa possibilidade era assustadora.

Com o decorrer do tempo, o medo de ser mordido por cavalos se transfigurou em medo de os cavalos caírem, quando as carroças fizessem curvas. Freud anuncia que, no estágio da análise em que Hans explicitou que seu medo era de os cavalos caírem, o menino se lembrou de um acontecimento imediatamente precedente à eclosão da doença. Nesse episódio, em um passeio com sua mãe, Hans viu um cavalo cair e escoicear com as patas. Ele pensou que o cavalo estava morto. De acordo com Freud (1909),

Dessa época em diante, achava que todos os cavalos iriam cair. Seu pai salientou para ele que, quando viu o cavalo cair, deve ter pensado nele, seu pai, e ter desejado que ele caísse da mesma maneira e morresse. Hans não discutiu essa interpretação: um pouco mais tarde fez uma brincadeira que consistia em morder seu pai, e assim mostrou que aceitava a teoria de ter identificado seu pai com o cavalo de que ele tinha medo. (FREUD, 1909/2006, p. 114)

Nesse momento, a análise tinha se afastado do tema de sua mãe, dando lugar à associação do medo de cavalos com os sentimentos hostis de Hans frente a seu pai. O pai, buscando a lógica da fobia do filho, o relembra que antes a bobagem era por ele pensar que um cavalo ia mordê-lo, enquanto que agora ele dizia ser o medo de um

cavalo cair. Hans, responde “Cair ou morder” (Ibid, p. 52), e Freud (1909) escreve a seguinte nota a esse respeito:

Hans tinha razão, por mais improvável que possa parecer essa colocação. A corrente de pensamento, conforme veremos, consistia no fato de que o cavalo (seu pai) o morderia por causa de seu desejo de que ele (seu pai) caísse. (FREUD, 1909/2006, p. 52)

A questão passa a ser, portanto, o pai cair ou não, morder Hans ou não, por conta de seu desejo. Em outro momento, Hans brinca de ser o cavalo, cena interpretada por Freud como uma identificação de Hans com seu pai. Vemos, com isso, que o cavalo assume diferentes significados ao longo do desenvolvimento do caso, sendo, assim, o significante da fobia de Hans.

Freud anuncia que a análise tinha chegado a um ponto obscuro, Hans fazia poucos progressos e começou a manifestar sua questão com o que chamava de *lumf* (palavra que criou para denominar o ato de evacuar os intestinos ou o próprio cocô). Hans sentia nojo ao ver as calcinhas de sua mãe e exclamava “hum”, seguido, algumas vezes, de cuspe. Ao ser questionado sobre o motivo de ter exclamado “hum” e se ele havia sentido nojo, Hans responde: “Sim, porque eu vi aquilo. Pensei que teria que fazer ‘lumf’”. (Ibid, p. 57). Seu interesse estava centralizado em “lumf” e pipi, mas Freud admite não saber precisar o motivo.

Pouco tempo depois, numa época em que Hans ia ao quarto dos pais mas era mandado embora, o menino narra uma fantasia que teve a respeito da banheira: “Papai, eu pensei uma coisa: *eu estava no banho, e então veio o bombeiro e desaparefuso a banheira. Depois ele pegou uma grande broca e bateu no meu estômago.*” (Ibid, p. 64). A interpretação dada pelo pai de Hans foi a de que o menino tinha medo de cair dentro da banheira. A mãe era quem dava banho em Hans, que confirmou que seu medo era o de que a mãe o deixasse cair e ele afundasse sua cabeça na água. Hans havia visto sua mãe dar banho em Hanna, e seu pai perguntou-lhe se ele gostaria que sua mãe deixasse Hanna cair na banheira durante o banho. Hans afirmou que sim, levando tanto Freud quanto o pai de Hans, a dar mais atenção aos sentimentos de Hans sobre sua irmã menor. A partir daí, Hans passa a falar, a seu modo, sobre o nascimento de sua irmã e sobre a mentira contada por seus pais acerca de ela ter sido trazida por uma cegonha. Em determinado diálogo, Hanna é comparada a um *lumf*, confirmando a teoria de Freud de que um bebê poderia ser equivalente a fezes na ordem simbólica. Essa primeira

fantasia da banheira, segundo Freud afirma ao final do texto, era uma fantasia de procriação, distorcida pela angústia de Hans. Sobre essa fantasia, Freud (1909) interpreta que:

A grande banheira de água, na qual Hans se imaginou, era o ventre de sua mãe; a ‘broca’, que seu pai tinha reconhecido desde a primeira vez como um pênis, deveu sua menção à sua conexão com ‘estar nascendo’. A interpretação que somos obrigados a dar à fantasia soar, é claro, muito curiosa: ‘Com seu grande pênis você me “molestou”’ (isto é, ‘me deu origem’) ‘e colocou-me na barriga de minha mãe.’ No momento, no entanto, a fantasia iludiu a interpretação, e só serviu a Hans como ponto de partida de onde continuar a dar informação. (FREUD, 1909/2006, p. 115-116)

Pode-se dizer, portanto, que Hans estava às voltas com a questão do nascimento, intensificada quando, em uma brincadeira com uma boneca de borracha, Hans encenou suas dúvidas em relação ao pipi das mulheres e o nascimento dos bebês. Na brincadeira, ele abriu as pernas da boneca, colocando uma faca no local e anunciando ser o pipi da boneca. Disse também que a faca pertencia à sua mãe. Segundo Freud, nesse momento Hans toma as rédeas e a direção de sua análise, aludindo a brincadeira ao nascimento de sua irmã.

Em seguida, Hans passa a brincar com os filhos imaginários que havia criado. Há uma passagem, pois assim que começou a brincar com eles, ele assumia-se como a mãe das crianças, mudando, em seguida, para a posição de pai das crianças. Hans estava caminhando para a conclusão de sua análise. Em uma de suas falas, disse que gostaria de ser casado com sua mãe e colocou seu pai casado com a mãe dele, a avó paterna de Hans. Dessa forma, incluiu o pai em sua arrumação da história. A última fantasia de Hans consistiu na seguinte narrativa:

O bombeiro veio; e primeiro ele retirou o meu traseiro com um par de pinças, e depois me deu outro, e depois fez o mesmo com o meu pipi. Ele disse: ‘Deixe-me ver o seu traseiro!’ Tive que dar uma volta, e ele o levou; depois disse: ‘Deixe-me ver o seu pipi!’ (FREUD, 1909/2006, p. 92)

Essa fantasia recebeu a interpretação de que o bombeiro deu um pipi maior e um traseiro maior a Hans. Segundo Freud concluiu, o doutor – o bombeiro – veio e, de fato, levou o pênis de Hans apenas para lhe dar um maior em troca. Com essa fantasia, Freud afirma que Hans havia superado seu medo da castração.

Na discussão desse caso, Freud escreve que essa espécie de fobia do pequeno Hans seria melhor denominada como histeria de angústia. Segundo Freud (1909):

As histerias de angústia são os distúrbios psiconeuróticos mais comuns. Mas, antes de tudo, são as que aparecem mais cedo na vida; são as neuroses da infância *par excellence*. Quando uma mãe usa frases como os ‘nervos’ do seu filho estão num mau estado, podemos ter certeza de que em nove entre dez casos a criança está sofrendo de alguma espécie de ansiedade [angústia] ou de muitas espécies ao mesmo tempo. Infelizmente o mecanismo mais delicado desses distúrbios altamente significativos não foi ainda suficientemente estudado. (FREUD, 1909/2006, p. 106-107)

Freud, à época do estabelecimento do caso de Hans, ainda não possuía meios para se aprofundar na questão que colocou: qual a especificidade da fobia de Hans para que esta fosse melhor denominada como histeria de angústia? E ainda: como diferenciar a clássica histeria de conversão da histeria de angústia? Felizmente, ele mesmo se dedicou a estudar essas questões e as contribuições que fez ao caso, a partir da segunda tópica, o levariam a reinterpretar certos aspectos do caso, dando enfoque a questão da angústia. Investigaremos essas contribuições, a seguir.

3.2. A angústia de Hans

O tema da angústia é bastante presente na obra de Freud. Para nós, interessa investigar em que medida a angústia se relaciona com a fobia de Hans, bem como seu consequente trabalho de análise. Para tal, recortaremos três momentos importantes das formulações de Freud acerca da angústia e suas viradas teóricas: a *Conferência XXV* de 1917, a *Conferência XXXII* de 1933[1932] e o texto *Inibições, sintomas e ansiedade* [angústia], de 1926[1925].

Na primeira tópica, Freud dividiu os lugares psíquicos em inconsciente, pré-consciente e consciente, cada qual separado e com seu tipo de processo. Há uma oposição, portanto, entre inconsciente e pré-consciente/consciente, que corresponde à dualidade entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, onde o que está em jogo é a satisfação da sexualidade, que entra em conflito com uma instância recaladora

moldada em princípios educacionais, éticos e morais. Essa tópica é substituída pela segunda tópica, a partir de 1920 – data em que Freud introduz a pulsão de morte –, modificando sua teoria sobre o princípio do prazer. A partir dessa novidade, Freud reformula os lugares psíquicos, passando a delimitá-los entre ego, superego e id [eu, supereu e isso]. Investigaremos, em vista disso, o que essa virada teórica modificou seu modo de pensar a angústia.

Em sua *Conferência XXV* (1917 [1916-1917]), Freud trata do tema da angústia¹² classificando-a como um estado afetivo cujos sentimentos se encontram na série prazer-desprazer, realizando uma descarga em resposta a determinados eventos importantes, assemelhando-se a um ataque histérico. Vemos que, em meio à primeira tópica, Freud localiza a angústia na série prazer-desprazer, teoria que será modificada à luz de sua segunda tópica. Cabe lembrar que, à época do estabelecimento do caso de Hans, Freud estava situado na primeira tópica. Conforme vimos, na parte da discussão do caso, Freud chama a fobia de Hans de histeria de angústia, o que nos põe algumas questões acerca da relação entre fobia e angústia.

Em 1917, Freud afirma que muitas das fobias infantis são originárias de uma incapacidade de a criança controlar sua excitação libidinal por sua mãe e, por não conseguir manter a excitação em suspenso, transforma-a em angústia. Apesar de seu caráter enigmático, as fobias infantis, para ele, revelaram-se como pertencentes ao tipo de angústia neurótica. Nesse sentido, a angústia se origina a partir da transformação direta da libido. Isso ocorre porque, para o autor, uma ideia que tem que ser reprimida possui uma cota de libido vinculada a ela. No processo de repressão a essa ideia, elas se separam: a ideia sucumbe à repressão, e a libido se transforma em angústia.

Em um momento posterior de sua teoria, Freud escreve *Inibições, sintomas e ansiedade* [angústia] (1926[1925]). Segundo ele,

O problema de como surge a ansiedade [angústia] em relação com a repressão pode não ser simples, mas podemos legitimamente apegar-nos com firmeza à idéia de que o ego é a sede real da ansiedade [angústia], e abandonar nosso ponto de vista anterior de que a energia catexial do impulso reprimido é automaticamente transformada em ansiedade [angústia]. (FREUD, 1926 [1925]/2006, p. 96- 97)

¹² A tradução oficial utiliza o termo *ansiedade*, porém, é de comum acordo que a melhor tradução é *angústia*. Utilizamos o termo angústia ao longo do texto, salvo nas citações diretas, onde mantemos o termo presente na versão oficial, com o termo angústia, adicionado por nós, entre chaves.

O abandono do ponto de vista anterior só foi possível a partir da escuta de suas pacientes histéricas. Isso ocorreu pelo fato de que Freud observou que, quando a paciente falava livremente, a resistência aparecia. As pacientes não se apercebiam da resistência, o que levou Freud a afirmar que ela era inconsciente. Dessa maneira, os mecanismos de defesa como o recalque e a resistência, ambos parte do ego, eram inconscientes. A partir de então, não foi mais possível conceber o ego como totalmente consciente. Há, assim, uma clivagem no seio do ego, resultando no ideal do ego, que, na segunda tópica, é veiculado pelo superego.

À luz da segunda tópica, Freud reformula sua teoria da angústia, e em sua *Conferência XXXII* (1933 [1932]) descreve dois tipos de angústia, a realística e a neurótica. Segundo ele, nos ataques de angústia realística, diante da tensão motora e da atenção sensorial aumentadas, é possível que ocorra, como resultado, que a repetição da antiga experiência traumática limite-se a um sinal, passível de adaptação à nova situação, ou que a antiga situação mantenha o domínio, paralisando o estado afetivo. Por outro lado, a angústia neurótica se encontra vinculada a determinadas idéias, conforme ocorre nas fobias. Freud anuncia que, apesar de nestas situações ser possível reconhecer certa relação com um perigo externo, ainda assim, o medo é desproporcional. Nesses casos, o objeto da angústia é claro e determinado, enquanto que em outros casos, como os de histeria ou os de neuroses graves, não se encontra uma base visível de perigo externo.

No desenvolvimento de suas investigações, Freud observa também que há uma relação entre a angústia e a formação dos sintomas. Para ele, as duas “se representam e se substituem uma à outra.” (FREUD, 1933 [1932]/2006, p. 87). E exemplifica-as com o caso de um paciente obsessivo que, por algum motivo, fique impedido de realizar seus rituais. Nesse caso, o paciente cairia num estado de angústia difícil de suportar, comprovando que seu sintoma era um meio de se proteger da angústia. A situação inversa é demonstrada pelo exemplo de um paciente agorafóbico que pode iniciar sua doença com um acesso de angústia na rua. Por meio da restrição de ir à rua, o paciente se poupa dos ataques de angústia. Freud conclui que a formação dos sintomas parece ocorrer a fim de evitar o aparecimento dos estados de angústia. Sua conclusão é confirmada pelos casos de fobias na infância:

Isto é confirmado também pelo fato de que as primeiras neuroses da infância são as fobias – estados nos quais vemos tão claramente como

uma geração inicial de angústia é substituída pela formação subsequente de um sintoma; temos a impressão de que é dessas inter-relações que melhor obteremos acesso à compreensão da ansiedade [angústia] neurótica. (FREUD, 1933 [1932]/2006, p. 87 -88)

Para Freud, nas fobias, a angústia que um perigo interno causa desloca-se para um perigo externo, de modo a se proteger da angústia, evitando, assim, o encontro com esse novo objeto. Esse deslocamento de objeto, ferramenta psíquica de proteção da angústia, foi o que o possibilitou pensar a angústia original, ocorrida no nascimento e que representa a separação da mãe. A ideia de que a angústia nas fobias infantis se relaciona com o separar-se da mãe permanece, tal como em sua interpretação da angústia de Hans. Seu medo de cavalos o impedia de sair de casa, possibilitando, assim, que este passasse mais tempo com sua mãe, em casa, ao invés de ficar separado dela na rua.

Freud afirma que, para cada período do Édipo, há um fator de angústia envolvido. Articula também, a angústia e os períodos do Édipo com suas novas formulações sobre o aparelho psíquico ser organizado em ego, superego e id. Em suas palavras:

O perigo de desamparo psíquico ajusta-se ao estágio da imaturidade inicial do ego; o período da perda de um objeto (ou perda do amor) ajusta-se à falta de auto-suficiência dos primeiros anos da infância; o perigo de ser castrado ajusta-se à fase fálica; e, finalmente, o temor ao superego, que assume uma posição especial, ajusta-se ao período de latência. No decorrer do desenvolvimento, os antigos fatores determinantes de ansiedade [angústia] deveriam sumir, pois as situações de perigo correspondentes a eles perderam sua importância devido ao fortalecimento do ego. Isto, contudo, só ocorre de forma muito incompleta. (FREUD, 1933 [1932]/2006, p. 91-92)

O que Freud nos sugere é que a angústia se faz presente ao longo dos momentos da infância, relacionando-se ao aparelho psíquico. Nesse sentido, nos tempos do Édipo, formalizados por Lacan (1958), há sempre a presença da angústia. Em maior ou menor intensidade, com ou sem objeto explícito, a angústia acompanha a constituição do sujeito.

Em busca de compreender o ponto em que os diferentes tipos de angústia convergem, Freud conclui que há algo que foge ao princípio do prazer quando se trata de angústia. De acordo com ele,

Então, se colocarmos numa série a ansiedade [angústia] neurótica, a ansiedade [angústia] realística e a situação de perigo, chegamos a essa

proposição simples: o que é temido, o que é o objeto da ansiedade [angústia], é invariavelmente a emergência de um momento traumático, que não pode ser arrostado com as regras normais do princípio do prazer. (...) Não mais sustentaremos ser a libido que é transformada em ansiedade [angústia], em tais casos. No entanto, não posso ver como objetar contra a existência de uma dupla origem da ansiedade [angústia] – uma, como consequência direta do momento traumático, e a outra, como sinal que ameaça com uma repetição de um tal momento. (FREUD, 1933 [1932]/2006, p. 96-97)

Em 1917, Freud afirma que, após a operação da repressão, a libido seria transformada em angústia. E em 1933, reitera essa formulação. Descobre, assim, que a angústia possui uma dupla origem, “como consequência direta de um momento traumático, ou como sinal que ameaça com uma repetição de um momento traumático” (Ibid). Em ambos os casos, Freud sinaliza que a angústia se relaciona com um momento traumático. De que ordem é esse trauma? No caso do pequeno Hans (1909), o trauma é encarado como uma repetição do momento de separação traumático entre o menino e a mãe. A angústia original seria, a partir desse ponto de vista, o nascimento, por este representar a primeira separação que ocorre entre a criança e sua mãe. A esse respeito, no entanto, Freud afirma, em *Inibições, Sintomas e Ansiedade* [angústia] (1926 [1925]), não estar certo de que, sempre que haja uma irrupção de angústia, haja algo de reprodução da situação de nascimento. Freud tenta localizar aquilo que é tão primordial na angústia e, ao rever sua teoria anterior da angústia (1917), onde a angústia era descrita como produto da repressão, ele se retifica:

A ansiedade [angústia] pertencente às fobias a animais era um medo não transformado de castração. Era portanto um medo realístico, o medo de um perigo que era realmente iminente ou que era julgado real. Foi a ansiedade [angústia] que produziu a repressão e não, como eu anteriormente acreditava, a repressão que produziu a ansiedade [angústia]. (...) Até onde se pode observar no momento, a maioria das fobias remonta a uma ansiedade [angústia] dessa espécie sentida pelo ego no tocante às exigências da libido. É sempre a atitude de ansiedade [angústia] do ego que é a coisa primária e que põe em movimento a repressão. (FREUD, 1926 [1925]/2006, p. 112)

Há algo de primário na angústia que põe em movimento a repressão. Nesse sentido, Freud recoloca a angústia, agora como fator primeiro, como motor da repressão. Vemos, com isso, que a angústia é um pilar fundamental na vida dos sujeitos, não rementendo somente às crianças e seus Édipos. Ou seja, os adultos, em suas atitudes relativas ao perigo, não estão livres da angústia. Os adultos, segundo Freud (1933[1932]),

Não venceram as obsoletas causas determinantes de ansiedade [angústia]. Podemos tomar isto como contribuição concreta para a caracterização dos neuróticos; não é muito fácil dizer por que isto tem de ser assim. (FREUD, 1933 [1932]/2006, p. 92).

A angústia se faz presente ao longo de toda a vida do sujeito, criança ou adulto, em maior ou menor grau, sendo uma característica marcante nos sujeitos neuróticos. Conforme vimos, Freud afirma que os sintomas são maneiras de se proteger da angústia, o que nos leva a crer que a angústia possui uma face aterrorizante, que força o sujeito a lidar com ela, mesmo que a saída para tal seja a produção de um sintoma. Em *Inibições, sintomas e ansiedade* [angústia] (1926 [1925]), Freud reaborda a questão da fobia de Hans. Para Freud, Hans teve um Édipo “positivo”, apesar de não saber bem explicar os fatores que atuavam nesse sentido (Ibid, p. 110). Porém, o medo que Hans demonstra de cavalos, que desliza entre um cavalo entrar no quarto, mordê-lo, cair, etc, coloca um enigma a respeito do Édipo de Hans. De acordo com Freud,

Se ‘Little Hans’, estando apaixonado pela mãe, mostrara medo do pai, não devemos ter direito algum de dizer que ele tinha uma neurose ou fobia. Sua reação emocional teria sido inteiramente compreensível. O que a transformou em uma neurose foi apenas uma coisa: a substituição do pai por um cavalo. É esse deslocamento, portanto, que tem o direito de ser denominado de sintoma, e que, incidentalmente, constitui o mecanismo alternativo que permite um conflito devido à ambivalência ser solucionado sem o auxílio da formação reativa. (FREUD, 1926 [1925]/2006, p. 106-107)

A fobia de Hans é vista, assim, como a solução de um conflito interno. A substituição do pai por um cavalo é o que caracteriza a movimentação psíquica realizada por Hans para dar conta da angústia de vir a ser castrado pelo pai. Adiante, Freud situa as vantagens da formação fóbica de Hans. Segundo ele, em primeiro lugar, a substituição do pai por um cavalo evita um conflito resultante da ambivalência sentida pelo menino em relação ao pai. Em segundo lugar, permite que o ego deixe de gerar angústia a todo instante, pois a angústia só aparece quando o objeto fóbico é percebido: “Não é preciso ter medo de ser castrado por um pai que não se encontra ali” (Ibid, p. 126).

Freud acentua, claramente, que a questão de ser castrado pelo pai deve-se aos sentimentos ternos que Hans nutria por sua mãe. De acordo com sua análise, o temor da castração era a força motriz da repressão a suas ideias sexuais relacionadas a sua mãe. Esse temor de ser castrado foi, para Freud, o que fez Hans desistir de sua agressividade com o pai. Isso apareceu na forma do medo de que um cavalo o mordesse: “temor de

que um cavalo arrancasse fora com os dentes seus órgãos genitais – o órgão que o distinguia de uma fêmea.” (Ibid, p. 111). Essa análise do caso Hans de 1926 [1925] é a última referência aprofundada de Freud sobre o caso. Vemos que esta está de acordo com suas postulações sobre o Édipo dos meninos. Em *A dissolução do complexo de Édipo* (1924), Freud afirma:

Bem, é minha opinião ser essa ameaça de castração o que ocasiona a destruição da organização genital fálica da criança. Não de imediato, é verdade, e não sem que outras influências sejam também aplicadas; pois, para começar, o menino não acredita na ameaça ou não a obedece absolutamente. (...) A observação que finalmente rompe sua descrença é a visão dos órgãos genitais femininos. Mais cedo ou mais tarde a criança, que tanto orgulho tem da posse de um pênis, tem uma visão da região genital de uma menina e não pode deixar de convencer-se da ausência de um pênis numa criatura assim semelhante a ela própria. Com isso, a perda de seu próprio pênis fica imaginável e a ameaça de castração ganha seu efeito adiado. (FREUD, 1924/2006, p. 197)

Com efeito, a perspectiva da segunda tópica recoloca a angústia como primeira, como motor. Porém, Freud sublinha que a angústia só aparece nos meninos a partir da visão dos órgãos genitais femininos. Essa visão é o que opera a castração. Nesse sentido, a angústia se estabelece por esta via, a da possibilidade de castração. De forma semelhante isso ocorreu no caso de Hans. Ao ver sua irmãzinha nua, essa questão colocou-se para o menino, inundando-o de angústia. Adiante seguiremos nesta temática, com o auxílio das contribuições de Lacan (1956; 1962-1963; 1968-1969) sobre o caso.

3.3. O trabalho de Hans

Após a exposição do caso do pequeno Hans, com as interpretações de Freud e do pai de Hans, examinamos de que maneira a angústia se entrelaça com a fobia e a solução do caso sob o ponto de vista freudiano. Percebemos, no entanto, impasse nas análises de Freud que se relacionam com os pontos até onde ele levou suas teorias. Para avançar em relação a tais impasses, nos voltamos agora às contribuições de Lacan ao estudo do caso em *O Seminário, livro 4: a relação de objeto* (1956-1957), em *O Seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963) e em *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (1968-1969).

Lacan, em seu seminário sobre *a relação de objeto* (1956-1957), se detém no caso do pequeno Hans, postulando que este caso nos apresenta questões pertinentes sobre a relação de objeto, o complexo de Édipo, o complexo de castração, a estrutura dos mitos e a clínica com crianças. Nesse sentido, é fundamental para a nossa leitura do caso, e para o nosso estudo acerca do que as crianças fazem para separarem-se do Outro e trilharem um caminho próprio, constituindo-se como sujeitos. Veremos, com isso, como Hans fez o seu próprio caminho frente à angústia e quais os elementos de que fez uso para construir sua passagem pelo Édipo e pela castração.

Para Lacan (1956-1957), a fobia é encarada como estando relacionada à onipotência materna¹³. Para ele, o tema da devoração se encontra sempre presente nas fobias por conta da presença marcante do desejo da mãe. Conforme vimos, a relação da criança com a mãe inclui um terceiro termo, o falo, termo que sinaliza para onde o desejo da mãe aponta, no mais-além da mãe. A criança tem, portanto, que descobrir e localizar esse mais-além da mãe, condição para situar a falta no objeto materno. Assim, o que está em jogo nesse trio original, é o desejo da mãe, representado pelo significante fálico, bem como o lugar onde a criança se encontra nessa tríade imaginária.

À vista disso, cabe questionar, onde podemos situar a angústia nessa relação? Para Lacan (1956-1957), a angústia é correlativa a um momento em que o sujeito se encontra suspenso entre um tempo onde ele não sabe mais onde está, e sua ida em direção a um tempo onde ele poderá ser alguma coisa na qual jamais poderá se reencontrar. Ou seja, a angústia aparece em resposta a essa ameaça imaginária de ser uma outra coisa que não ele mesmo. Nas palavras de Lacan (1956-1957), a angústia:

(...) surge a cada vez que o sujeito é, por menos sensivelmente que seja, descolado de sua existência, e onde ele se percebe como estando prestes a ser capturado por alguma coisa que vocês vão chamar, conforme o caso, de imagem do outro, tentação etc. Em suma, a angústia é correlativa do momento em que o sujeito está suspenso entre um tempo em que ele não sabe mais onde está, em direção a um tempo onde ele será alguma coisa na qual jamais se poderá reencontrar. É isso aí, a angústia. (LACAN, 1956-1957/1995, p. 231)

Vemos, no caso do pequeno Hans, que a angústia do menino, em um primeiro momento, não está ligada ao objeto cavalo. Primeiramente, se apresenta em choros na

¹³ No entanto, ao longo de seu ensino, a figura da mãe declina em relação à do Outro. A fobia passa a ser encarada, a partir de *O Seminário, livro 16* (1968-1969), como um pavor de ser encaixado na falta do Outro.

hora de dormir, se desenvolvendo em um segundo tempo com o passar dos dias, em um medo de que um cavalo entre em seu quarto e morda-o. Vemos, com isso, que há uma passagem de um sofrimento, aparentemente, sem objeto, para um medo localizado no objeto cavalo, mais precisamente, em um cavalo que o morda. Não à toa, o tema da mordida aparece no princípio da fobia de Hans. Segundo Lacan (1956-1957), o tema da devoração é sempre encontrável na estrutura da fobia. Podemos dizer que o tema da devoração, de tirar um pedaço, está presente na fobia porque o sofrimento da fobia já se encontra na lógica da castração. Se o sofrimento da fobia está na lógica da castração, de qual sofrimento se trata quando falamos em angústia? Rolo (2000), seguindo a leitura de *O Seminário, livro 4* (LACAN, 1956-1957), afirma sobre a angústia:

A angústia surge na iminência da castração, definida nos seguintes termos: a possibilidade iminente de que o objeto falo falte à mãe, e por consequência à criança, identificada imaginariamente a este objeto. (ROLO, 2000, p. 201)

O objeto falo, imaginário, conforme vimos em nosso segundo capítulo, é representado com um sinal de menos ($-\phi$), por conta de o falo ser o significante da falta. Com isso, se esse objeto faltar, ou seja, se a falta não faltar, a castração não opera. Essa ameaça de que a falta não falte, causa angústia. Sabemos que essa ameaça é imaginária, pois o sujeito neurótico já inscreveu o furo no Simbólico. Dessa forma, o que angustia o sujeito é a suposta possibilidade de que o furo apareça no Real. No entanto, se falamos de falo é porque o furo já se tornou falta, ou seja, já está articulado na castração. Esse trabalho de articulação ocorre em todos os sujeitos neuróticos. Essa articulação é feita, singularmente, de diferentes formas, sendo que uma dessas formas pode ser feita com o auxílio da fobia.

Observamos, na clínica, que é muito comum as crianças terem fobia de algum objeto. O que nos leva a perguntar: qual o papel das fobias nesse momento da infância, em que o sujeito está em vias de se constituir? Segundo Lacan (1968-1969):

A fobia não deve ser vista, de modo algum, como uma entidade clínica, mas sim como uma placa giratória. É esse o ponto que eu queria encaminhar hoje. Ela gira mais do que comumente para as duas grandes ordens da neurose, a histeria e a neurose obsessiva, e também realiza a junção com a estrutura da perversão; ela nos esclarece, em suma, sobre toda sorte de consequências que tem, e as quais não precisam se limitar a um sujeito particular para ser perfeitamente perceptíveis. (LACAN, 1968-1969/2008, p. 298)

Vemos, com a definição de fobia como placa giratória, que gira mais do que comumente nas duas grandes ordens da neurose, que o sujeito já é sujeito dividido, ou seja, já inscreveu o furo no Simbólico, marcando a ameaça assustadora de completar o furo do Outro como sendo pertencente ao campo do Imaginário. Cabe, para deslindarmos a função da fobia, seguirmos na análise lacaniana do caso de Hans e, para tal, é fundamental distinguir fobia e angústia. Conforme a articulação que Freud faz sobre fobia e angústia, vista no item anterior (3.2.), a fobia é construída em face a um ponto de angústia. Nesse sentido, a fobia é um momento posterior à angústia, um trabalho em torno da angústia. De que ordem é esse trabalho? Em *O Seminário, livro 4 (1956-157)*, Lacan afirma que

A fobia não é de modo algum a angústia. A angústia – e aí não faço mais que repetir Freud, que o articulou com perfeição – é algo que é sem objeto. (LACAN, 1956-1957/1995, p. 252)

Essa definição de angústia como algo que é sem objeto é reformulada, em *O Seminário, livro 10 (1962-1963)*, no qual Lacan gira em torno da afirmação de que a *angústia não é sem objeto*. Lacan sinaliza que, para Freud, a angústia é angústia diante de algo. A partir desta pista, Lacan localiza que esse algo é o objeto *a*. Com isso, em seu seminário sobre *a angústia (1962-1963)*, ele sustenta a formulação freudiana da angústia como um sinal, nesse caso, sinal diante do objeto. Nesse sentido, o que angustia é a suposta possibilidade de presença no Real do objeto *a*, objeto que deveria localizar-se como causa, e não à frente como ameaça. Ou seja, a ameaça de presença do objeto *a* no Real é causa de angústia justamente pelo fato de que indicaria um tamponamento da falta, uma possibilidade – assustadora – de a falta não faltar. A angústia, assim, é a ameaça, imaginária, de o objeto tomar consistência no Real.

Em *O Seminário, livro 16 (1968-1969)*, Lacan formula que a fantasia do fóbico é a de ele ser encaixado, por inteiro, no furo do Outro. Essa ameaça, apesar de impossível, angustia, forçando o fóbico a fazer algo com isso. A fobia é, então, esse trabalho subjetivo de localizar em um só objeto o seu sofrimento, na tentativa de amarrar, de certa forma, a castração, transformando a angústia insuportável em um sofrimento, localizado, na ordem da falta.

O objeto, conforme vimos em nosso primeiro capítulo, é extraído pela operação de separação. Assim, para constituir-se como sujeito, separando-se do Outro, o objeto *a* é extraído e permanece como o resto desta operação. A ameaça de presença desse

objeto, que é sinal do Real, pode deixar o sujeito em suspenso em um lugar onde não possa mais se reencontrar, se articularmos a com a definição de angústia presente no seminário sobre *a relação de objeto* (1956-1957). Isso ocorre porque, nesse caso, a separação do Outro seria supostamente abalada por essa ameaça imaginária, não obstante, o sujeito saiba que não é possível. Temos como exemplo Hans, que se refere à sua fobia como sua “bobagem”, demarcando que ele mesmo sabe da impossibilidade disto que o ameaça. Isso se dá pelo fato de que Hans já instaurou o furo no Simbólico, no suporte de presença/ausência da mãe simbólica. Hans já é dividido. Seu medo, portanto, é que isso vacile, que ele venha a ser o objeto que completaria o Outro, quando já não o é mais.

Em termos das operações fundamentais de alienação e separação, a angústia surge quando não é possível localizar o furo em si e no Outro, e, conseqüentemente, extrair esse objeto *a*, que funda o sujeito como separado do Outro e desejante. Assim, frente à possibilidade de não poder extrair o objeto *a*, o temor que surge é o de manter-se permanentemente na alienação.

A angústia de Hans surge, portanto, quando o pênis real do menino se agita, pois nesse momento, o sujeito se vê prestes a ser capturado por alguma coisa maior do que ele, que poderia descolá-lo de sua existência, gerando um temor de jamais poder reencontrar-se. O que significa isso para o menino? Hans é tomado na cama de sua mãe, levado ao banheiro junto a ela, desempenhando, permanentemente, o papel de ser o que ela quer. Durante um tempo, esse laço estreito com a mãe parecia-lhe o paraíso. Paraíso este, que foi interrompido pela intervenção da pulsão, a qual desprende o menino da posição em que estava, antes satisfatória, descolando-o de seu lugar para o desejo de sua mãe, e suspendendo-o. Nessa suspensão surgem questões a respeito da diferença sexual, suscitadas pela visão de sua irmãzinha nua e, sobretudo, sobre o que é o falo e o lugar que ocupa para a mãe. Segundo Lacan (1956-1957),

Até então, a criança está no paraíso do engodo. Será isso satisfatório para ela? Não existe razão alguma para que ela não possa levar adiante por muito tempo este jogo de uma forma satisfatória. A criança tenta se moldar, integrar-se naquilo que ela é para o amor da mãe, e, com um pouco de sorte – até mesmo com muito pouca – consegue isso, pois basta um indício, por mínimo que seja, para sancionar essa relação tão delicada. Mas a partir do momento em que intervém sua pulsão, seu pênis real, aparece este descolamento de que eu falava há pouco. (LACAN, 1956-1957/1995, p. 232)

Com a agitação de seu pênis real, surge a angústia. Em uma cena descrita no caso, Hans, extasiado com o prazer que seu pênis lhe dava, pede à sua mãe que compartilhe disso, que toque em seu pênis. Sua mãe, com asco, rejeita o pedido. Hans percebe, assim, que não era isso que sua mãe queria e, com isso, se descola do lugar no paraíso do engodo em que se encontrava. A pulsão suspende Hans, lançando-o na angústia.

Essa angústia, em um primeiro momento, não está ligada a nenhum objeto, mas, com o passar dos dias, fixa-se em um significante: cavalos. Assim, em relação aos cavalos, o temor que Hans demonstra é o de que um cavalo o morda. Conforme vimos, Lacan interpreta a mordida como associada à devoração materna. A devoração materna é uma possibilidade que angustia, uma vez que isso implicaria em ser colado na posição de objeto de devoração da mãe. Nas palavras de Lacan (1956-1957):

Da mesma forma, aqui, onde a criança é que é o centro, a regressão se produz no momento em que não mais basta dar o que ela tem a dar, em que ela se vê no desamparo de não mais bastar. Produz-se o mesmo curto-circuito com que se satisfaz a frustração primitiva, e que conduz a criança a apoderar-se do seio para encerrar todos os problemas, isto é, a hiância que se abre diante dela, a de ser devorada pela mãe. Esta é igualmente a primeira roupagem vestida pela fobia, como veem no caso do seu rapazinho. Mesmo que seja qualquer cavalo o objeto de sua fobia, é sempre de um cavalo que morde que se trata. O tema da devoração é sempre encontrável, por qualquer lado, na estrutura da fobia. (LACAN, 1956-1957/1995, p. 233)

Conforme assinalamos, ao longo do ensino de Lacan, a figura da mãe declina, dando lugar a uma concepção de Outro, que até pode ser representada pela mãe, mas, também, por outros. O que interessa, contudo, é o efeito do Simbólico. Diz Lacan (1968-1969),

Em síntese, trata-se unicamente do funcionamento do objeto definível como efeito do simbólico no imaginário, do funcionamento desse imaginário em relação a seja o que for que possa ter a pretensão de representar o Outro durante um certo tempo, e a mãe pode desempenhar esse papel tão bem quanto qualquer outro – o pai, uma instituição, ou até uma ilha deserta. (LACAN, 1968-1969/2008, p. 293)

O antigo paraíso de ser um pertence da mãe não lhe serve mais, ou antes, se transforma em uma angústia violenta. Frente a essa angústia, Hans elege o significante cavalo – já presente em sua história, em algumas cenas de brincadeira, de ser o cavalo, como também em um episódio em que viu um cavalo cair – para localizar seu medo. Hans, no momento de sua pesquisa sexual sobre os seres animados e inanimados, os que

têm ou não um pipi, já havia dito que sua mãe, por ser grande, deveria ter um pipi do tamanho do de um cavalo. Até então, a curiosidade de Hans a respeito do pipi se limitava a usar como referência – quem tem ou não –, contudo, quando o seu próprio pipi se agita, a questão é levada a uma outra dimensão. O que se torna, então, problemático para Hans diz respeito ao aparecimento de sua pulsão. Para Lacan (1956-1957),

Logo, como veem, dizer que a criança é considerada uma metonímia do desejo do falo por parte da mãe não quer dizer que seja como falófora que ela é metonímica, mas implica, ao contrário, que ela é metonímica como totalidade. E é aí que se estabelece o drama. Tudo iria muito bem para ele se se tratasse de seu *Wiwimacher*, mas não se trata disso, é ele por inteiro que está em causa, e é por isso que a diferença começa, seriamente, a aparecer no momento em que entra em jogo o *Wiwimacher* real, e que este se torna para Hans um objeto de satisfação. Neste momento começa a se produzir aquilo a que se chama angústia, ligada ao seguinte: que ele pode avaliar toda a diferença que existe entre aquilo pelo qual ele é amado e o que ele pode dar. (LACAN, 1956-1957/1995, p. 249)

O fato de que, para a mãe, a criança não é somente a criança, mas também falo, não é de fácil acesso para a criança. Com isso, na angústia de Hans, o pipi não é o que está em causa para a mãe, mas sim Hans por inteiro. Localizar esse mais-além da mãe é, portanto, um trabalho que se coloca para as crianças. Segundo Lacan (1956-1957),

a criança só tem acesso a isso depois de uma certa simbolização, mas que, em certos casos, é de uma maneira de certa forma direta que ele aborda o dano imaginário – não o seu, mas aquele em que a mãe se encontra quanto à privação do falo. Será, aqui, um imaginário que é refletido no simbólico? Será, ao contrário, um elemento simbólico que aparece no imaginário? Estes são pontos cruciais em torno dos quais formulamos a questão, tão essencial no desenvolvimento da fobia. (LACAN, 1956-1957/1995, p. 56-57)

Ao longo do desenvolvimento de sua fobia, e posterior solução, vemos que Hans se utiliza de diversos caminhos imaginários para tratar de algo que não é imaginário. Hans busca saber, a todo custo, quem tem ou não o falo e, apesar das explicações dadas pelo pai, ele ainda fica sem saber. A essa intervenção incessante do pai, Hans reage com a fantasia das duas girafas. Na situação angustiante de não saber o que é o falo, e de correr o risco de ser tomado por inteiro na devoração materna, Hans fantasia a posse da mãe. Lacan (1956-1957) analisa que, ao fazer uma metonímia da mãe, tornando-a um papel possível de amassar, Hans está fazendo a delicada passagem do Imaginário ao Simbólico. O menino simboliza a relação imaginária com sua mãe. O que está em jogo, nesse momento, e no desenrolar da fobia de Hans, é a passagem da face real da

angústia, da presença assustadora do objeto *a*, para sua simbolização, angústia amarrada na castração. Segundo Miller (1993),

Poderíamos resumir o tratamento do pequeno Hans, como um processo de simbolização. Vale a pena parar um momento para uma reflexão a este respeito, pois é o único momento em Lacan que temos uma lógica do tratamento que seja mais do que uma bela expressão, mas de fato um trabalho baseado em um tratamento. Trata-se de um processo de simbolização sobre um elemento essencial: o falo. Poderíamos, por conseguinte, resumir o tratamento do pequeno Hans da seguinte maneira: do falo imaginário ao falo simbólico, e poderíamos situar o momento exato da doença do pequeno Hans, ou de seu sintoma, seja na aparição do falo como elemento real, seja em seu gozo fálico, seja na aparição de sua irmã menor, que são os elementos que desestabilizam sua posição. A fórmula da lógica da cura é também do phallus imaginário ao phallus simbólico. (MILLER, 1993, p. 4)

Por que motivo Hans precisou de sua fobia para fazer tal simbolização? Para Maia (2000), na passagem da posição de ser o falo para a mãe para a posição de ter o falo Hans se complica. A lei simbólica, suporte para a via da castração, barra o gozo incestuoso. Em geral, nesse momento, o pai real intervém separando o filho da mãe. Contudo, ao perceber sua própria falha em separar o filho da mãe, o pai de Hans busca a ajuda de Freud, cujo papel será o de ser o pai simbólico ausente para Hans. Freud dá suporte, então, no lugar onde o pai de Hans falha em sua função de pai¹⁴.

De acordo com Lacan (1956-1957), a fobia de Hans se constituiu em um apelo a um elemento simbólico, por conta de seu pai real não ter podido cumprir essa função. Nas palavras de Lacan (1956-1957), a fobia:

constitui um outro modo de solução do difícil problema introduzido pelas relações entre a criança e a mãe. Já lhes mostrei no ano passado: para que haja os três termos do trio, é preciso um espaço fechado, uma organização do mundo simbólico, que se chama o pai. Pois bem, a fobia é mais desta ordem. Ela concerne a este laço demarcador. Por ocasião de um momento particularmente crítico, quando nenhuma via de outra natureza está aberta para a solução do problema, a fobia constitui um apelo por socorro, o apelo a um elemento simbólico singular. (LACAN, 1956-1957/1995, p. 57)

Fazer as vezes de ser o que falta à mãe, conforme vimos no primeiro capítulo, faz parte de um tempo da constituição subjetiva. Da mesma maneira, descolar-se dessa posição é imprescindível para constituir-se como sujeito, no campo da neurose. Hans, no entanto, não contou com o quarto termo, o Nome-do-Pai, de forma clássica, para

¹⁴ No item a seguir relativizaremos essa visão a respeito da função paterna em Hans, com o auxílio do conceito de *père-version*.

auxiliá-lo nesse deslocamento. E é a invenção que Hans fez, como suplência a esse termo, o que nos interessa. A angústia começa com a irrupção do pênis real, e termina com a invenção de Hans, alojando seu pênis de forma que ele pôde prosseguir sua vida sem essa angústia.

Na história de Hans, há um pai simbólico, encarnado por Freud, e seu pai real. Segundo Lacan (1956-1957), “Para que o complexo de castração seja pelo sujeito verdadeiramente vivido, é preciso que o pai real jogue realmente o jogo” (Ibid, p. 374). O pai de Hans, apesar dos apelos do menino, não entra no jogo da castração, sendo um pai que faz de tudo para não ser mau ou injusto com o filho, buscando, acima de tudo, o seu amor. Dessa forma, Hans se utiliza de Freud, colocando-o nesse lugar de pai simbólico, supondo nele um saber sobre as coisas. Porém, a carência de um pai castrador permanece movimentando Hans em sua busca de encontrar uma suplência para esse pai que “se obstina em não querer castrá-lo” (Ibid, p. 375).

Sem poder contar com seu pai real para fazer uma passagem clássica pelo Édipo, Hans se viu mergulhado na armadilha de ser encaixado na falta do Outro. Lacan analisa as formas pelas quais Hans, por meio de suas fantasias, deu conta desse problema. A interpretação que Freud e o pai de Hans dão ao significante cavalo é a de que este é o pai. A leitura de Lacan, todavia, sinaliza que não se trata de interpretar o que o cavalo pode significar, pois este muda de representação ao longo do desenvolvimento e tratamento da fobia de Hans. Nesse sentido, interessa a função do significante cavalo, e não suas equivalências. Segundo Lacan (1956-1957),

Temos o hábito de dar, aos termos em jogo, equivalentes em profusão, dizendo: isso representa o pai, isso representa a mãe, isso representa o pênis. Ora, cada um dos elementos, o cavalo, por exemplo, só é concebível em sua relação com um certo número de outros elementos igualmente significativos. É impossível fazer corresponder o cavalo, não mais que qualquer outro dos elementos dos mitos freudianos, a uma significação unívoca. O cavalo é, inicialmente, a mãe, o cavalo é no final o pai, entre ambos ele também pode ser o pequeno Hans que, com efeito, de vez em quando brinca de cavalo, ou ainda o pênis, do qual o cavalo é, manifestamente, o representante em diversos pontos da história. (LACAN, 1956-1957/1995, p. 282)

O significante cavalo desliza na cadeia, sinalizando que possui uma função para Hans. Assim, no impasse em que Hans se encontra em relação à sua mãe, o cavalo, objeto fóbico eleito por Hans, protege-o da angústia. Para metaforizar suas relações com

sua mãe, tornou-se necessária a introdução de um elemento de mediação metafórica, representado, nesse processo, pelo significante cavalo. Sintetiza Lacan (1956-1957):

Para preencher a função de transformar essa angústia em medo localizado, o sujeito escolhe uma forma que constitui um ponto de estagnação, um termo, um pivô, um pilotis, em torno do qual se agarra aquilo que vacila, e que ameaça carregar a corrente interior gerada pela crise da relação materna. Tal é, no caso do pequeno Hans, o papel do cavalo. (LACAN, 1956-1957/1995, p. 412)

O cavalo é o elemento simbólico auxiliar na solução do impasse em que Hans se encontrava no trio imaginário mãe-criança-falo. O objeto fóbico tem um papel de ancoramento, consiste em um ponto de referência na ordem simbólica. Dessa maneira, a função da fobia, conforme Lacan analisa em seu *O Seminário, livro 16* (1968-1969), é de apaziguar a angústia de ser encaixado como um objeto no furo do Outro, ancorando a criança na ordem simbólica. Para Lacan (1968-1969),

O campo da angústia certamente não é desprovido de objeto, como lembrei ao começar, desde que se veja com clareza que esse objeto é a própria aposta do sujeito no campo do narcisismo. É nele que se revela a verdadeira função da fobia, que é substituir o objeto da angústia por um significante que causa medo, porque, frente ao enigma da angústia, a relação de perigo assinalada é tranquilizadora. (LACAN, 1968-1969/2008, p. 297)

O caminho percorrido pelas crianças fóbicas consiste em fazer a passagem da ameaça da presença assustadora do objeto *a*, ou seja, da possibilidade de ser encaixado na falta do Outro, para a articulação do sofrimento na angústia de castração. Isso significa dizer que sofrer na ordem da falta requer a constatação de todos serem furados, por, justamente, haver um furo no Simbólico. Nesse sentido, na neurose, sofre-se de angústia; porém, essa já está entrelaçada na ordem da falta, simbolizada pela lógica fálica. Recolhendo os elementos presentes no estádio do espelho, abordado por nós no segundo capítulo, a passagem do objeto *a* para o $-\phi$ é o que possibilita costurar a angústia em angústia de castração, inscrevendo a falta na ordem simbólica. No caso dos fóbicos, contudo, essa passagem é feita com a ajuda de um recurso significante que faça a mediação simbólica, naquele lugar onde, no Édipo clássico, no discurso da mãe, o Nome-do-Pai substituiria o significante do Desejo da Mãe.

O caso de Hans nos mostra, assim, um caminho atípico na passagem do falo imaginário para o falo simbólico (MILLER, 1993). No lugar em que o elemento Nome-do-Pai falhou em articular o sofrimento de Hans na ordem fálica, Hans se utiliza de um

objeto metafórico, fóbico, que realiza, em certa medida, essa função. Cabe questionarmos, com base nos elementos apresentados por Lacan em suas leituras, no que consiste, então, o desfecho do caso, considerado por Freud como uma solução satisfatória?

Conforme a descrição do caso, Hans se interessa e teoriza justamente sobre a organização genealógica. Quando se questiona sobre como nascem os bebês, ou de quem ele é filho, quando afirma seu desejo de ter crianças, e ao criar filhos imaginários; enfim, elementos que nos ensinam sobre o interesse intenso de Hans na ordem simbólica. Não por acaso, a saída que Hans encontra é incluir a si mesmo, sua mãe, seu pai e sua avó paterna em uma solução.

Antes desse desfecho genealógico, porém, Hans tem duas fantasias que envolvem a banheira e podem ser interpretadas como invenções de Hans frente às suas questões. Na primeira delas, Hans conta a seu pai:

Papai, eu pensei uma coisa: *eu estava no banho, e então veio o bombeiro e desaparefusa a banheira. Depois ele pegou uma grande broca e bateu no meu estômago.* (FREUD, 1909/2006, p. 64).

Lacan, em seu seminário sobre *a relação de objeto* (1956-1957), interpreta que essa primeira fantasia representa um desmonte da mãe. Trata-se de fazê-la entrar no conjunto do sistema, e não mais em figurar como um elemento onipotente, que submete a criança à posição de objeto de seus caprichos. Hans desaparefusa a mãe, desmonta-a, e a coloca no mesmo plano dos outros elementos, móveis e equivalentes entre si. Nesse sentido, essa fantasia vai ao encontro do progresso da análise, que consiste em um certo declínio da mãe em relação à criança. Hans, ao desaparefusa sua mãe, passa a poder encará-la como não-toda, localizando, com isso, o furo no Outro, encarnado por sua mãe. Porém, desmontar a mãe não é suficiente, é necessário mudar alguma coisa no pequeno Hans. Por esse motivo, é a segunda e última fantasia que dá solução ao caso. Relembremos a última fantasia de Hans:

O bombeiro veio; e primeiro ele retirou o meu traseiro com um par de pinças, e depois me deu outro, e depois fez o mesmo com o meu pipi. Ele disse: 'Deixe-me ver o seu traseiro!' Tive que dar uma volta, e ele o levou; depois disse: 'Deixe-me ver o seu pipi!' (FREUD, 1909/2006, p. 92)

Freud interpreta que esta fantasia deu solução ao medo de castração de Hans. Lacan (1956-1957) acrescenta que esta fantasia representa o esquema de simbolização

fundamental do complexo de castração. Pois, se pelo lado do pai não há castrador, Hans atribuiu esse papel ao personagem do bombeiro, que primeiro desaparafusa a banheira e depois fura. Nas palavras de Lacan (1956-1957):

Nada é mais significativo, nesse sentido, que o que se expressa na fantasia terminal do desaparafusamento, onde se trocam as bases da criança para lhe dar um traseiro maior – e por quê? Para preencher este lugar que ele tornou muito mais manejável, esta banheira onde pode entrar o tema da queda para se dialetizar e ser evacuado, ocasionalmente. (LACAN, 1956-1957/1995, p. 419)

O tema da queda, do furo e do não-preenchimento da banheira, apareceram juntos nessa fantasia terminal que marca a simbolização fundamental da castração. A partir daí, Hans soluciona a questão reduplicando sua mãe. Em sua solução genealógica, Hans casaria com sua mãe, e seu pai casaria com a própria mãe, sua avó. Identificado à sua mãe, Hans tem filhos imaginários. Após trilhar esse caminho singular, inventado pelo próprio Hans, ele pôde se transformar num outro pequeno Hans, livre de sua fobia de cavalos, e identificado do lado da mãe. Lacan conclui (1956-1957):

No presente caso, pode-se dizer que o pequeno Hans não passou pelo complexo de castração, mas por uma outra via. E esta outra via, como indica o mito do instalador que lhe troca o traseiro, levou-o a transformar-se num outro pequeno Hans. (LACAN, 1956-1957/1995, p. 420)

Hans não seguiu um caminho típico, não obstante, seguiu um caminho que repercute até hoje, mais de um século depois, em todos os clínicos que caminham com a psicanálise e desejam aprender algo sobre atendimento com crianças. Se o caminho atípico de Hans nos ensina algo, é justamente sobre o caráter singular da construção de cada um ao se tornar sujeito. Pois, foi com a ajuda da mediação metafórica de seu significante fóbico, com o suporte de pai simbólico delegado a Freud, com suas duas girafas, com o bombeiro e o instalador, que Hans tornou-se sujeito neurótico. Hans, com os elementos de que dispunha, construiu e trilhou seu caminho, localizando-se na lógica fálica. A partir da análise do caminho singular criado e trilhado por Hans, a seguir, apresentaremos algumas questões a respeito da questão paterna no caso.

3.4. O pai: a metáfora e suas versões

Com base na leitura do caso Hans, estabelecido por Freud (1909), bem como nas formulações de Lacan acerca do caso – principalmente as de 1956-1957 –, notamos que a questão paterna requer uma abordagem mais abrangente. A problemática de Hans em relação a seu pai faz-se presente quando da dificuldade de algo do pai barrar o menino de ser tudo para o desejo da mãe. Frente a esse impasse, Hans se inunda de angústia e, conforme vimos, constrói uma solução para isso. O significante cavalo entra em jogo justamente como parte da solução, localizando a angústia em um ponto específico. No entanto, o cavalo opera outras funções, segundo vimos na leitura de Lacan (1956-1957). A principal delas, já assinalada por Freud (1909), é a de ser uma metáfora do pai.

Ao longo deste trabalho, demos enfoque ao pai enquanto metáfora paterna. Com isso, o uso do termo Nome-do-Pai remete a uma substituição do Desejo da Mãe, situando a mãe como referida ao falo e não-toda referida à criança. O pai é entendido, por essa via, como representante da lei, a lei da castração, que por um lado barra a mãe, situando-a como não-toda e fazendo aparecer o lado mulher da mãe. Por outro lado, o pai barra a criança, deslocando-a do lugar de objeto para o desejo materno. Importa, portanto, a função que opera. Segundo Vidal (2013):

Na metáfora paterna, pai e mãe são reduzidos à sua função simbólica: nome do pai, desejo da mãe. No quadro edípico, que compreendia para Freud o desejo *pela* mãe, passa a comparecer também o desejo *da* mãe, tornando o efeito da função paterna sobre o sujeito, como observamos antes, inseparável do estatuto da feminilidade. (VIDAL, 2013, p. 24)

A metáfora paterna resignifica o desejo da mãe na medida em que esta siga a lógica fálica, a lei paterna. Essa concepção coloca pai e mãe reduzidos às suas funções simbólicas. Desse modo, o que o pai transmite a seu filho, na neurose, é a lógica fálica. Na metáfora paterna, algo no discurso da mãe transmite para a criança a impossibilidade de ela completar a falta da mãe, localizando mãe e criança na lógica da castração.

No caso de Hans, observamos que esse algo do pai que barraria a criança de ser tudo para o desejo da mãe não se dá de acordo com a metáfora clássica. O pai de Hans conta a Freud sobre suas tentativas frustradas para diminuir o movimento da esposa em

levar o filho para sua cama. Na carta em que se configura como um pedido de socorro, o pai de Hans expressa sua opinião sobre o medo do filho se relacionar com a ternura que o menino nutria por sua mãe, assinalando, também, sua dificuldade em ser ouvido pela esposa sobre esse assunto. O ponto que o pai de Hans localizou em seu filho representou, para ele, um problema a ser tratado em análise. Para tal, foi preciso que o sintoma de seu filho retornasse a ele, na forma de uma ferida narcísica. Na carta em questão, o próprio pai emite sua opinião sobre o medo do filho, considerando-o relacionado à grande ternura que a mãe nutria pela criança e – no que fica subentendido, com o desenrolar do caso – sua incapacidade de manter o filho afastado da cama dos pais. De que forma podemos pensar a operação da função paterna nesse caso?

Com o progresso das elaborações de Lacan, a noção de metáfora paterna ganha uma nova visada com o destaque dado à dimensão Real do pai. Esta dimensão se explicita através dos desdobramentos das reflexões em torno do pai com a noção de *père-version*, a “pai versão”, dando enfoque à forma pela qual um homem faz de uma mulher a causa de seu desejo (BARROS, 1998). Com isso, introduz a questão do desejo no casal parental e, por conseguinte, no Édipo da criança. Vidal (2013) cita Lacan para esclarecer as diferenças entre metáfora paterna e *père-version*:

Segundo Lacan, a função do pai não é representar a lei, mas articular (e não opor) o desejo com a lei, o que um pai (e não o pai tomado abstrata e universalmente) realiza ao fazer de sua parceira objeto *a*, causa de seu desejo: o que importa é o modo como ele se vira, o que faz com a própria castração. No trocadilho efetuado por Lacan no seminário *RSI*, é transmitindo a sua *père-version*, a sua “pai versão”, a sua versão do desejo, que um pai indica para os filhos o caminho do desejo. Diferentemente da metáfora paterna, que considera apenas o lugar que a mãe confere ao pai no discurso, a *père-version* põe a tônica sobre a intervenção própria ao pai, o fato de que tome ou não uma mulher, um objeto indexado pela falta, como causa de seu desejo, como mais de gozar. É ao encarnar desse modo a lei no desejo – não por meio de um ideal, mas da sua relação de desejo particular, sintomática, com uma mulher – que um pai cumpre a sua função de transmitir a castração. No campo do gozo sexual marcado pela castração, um pai pode servir assim de modelo para a criança, modelo no sentido de exemplo e não de ideal, de uma solução possível para a castração, de uma regulação possível do gozo por meio de uma versão do objeto *a*, de uma ficção que permita à criança viver. (VIDAL, 2013, p. 29)

O pai da *père-version* é, portanto, aquele que transmite a castração e um saber-fazer com seu gozo. Podemos dizer, assim, que essa visada desloca o enfoque na lei paterna como lógica fálica para a lei do desejo, onde o pai se localiza. Distante do pai gozador da horda primeva de Freud, o pai da *père-version* transmite a castração através

de como ele próprio lida com seu gozo, regulando-o de uma maneira possível. Dessa forma, conforme salienta Vidal (2013), o pai pode servir de modelo, de exemplo, mas não de ideal. Com essa visada, observamos que a metáfora paterna carrega a dimensão de uma só versão, enquanto que o pai da *père-version* carrega a dimensão das versões paternas singulares, já que cada pai lida com o gozo e com o desejo de forma particular.

O pai que declina do lugar de ideal é um pai que não é mais o falo dado que se o pai deseja é porque também a ele falta o falo. A criança faz, então, um trabalho de luto do pai como falo, que requer a descoberta de que ele também está submetido à castração. E esse luto, segundo Barros (1998),

(...) implica em deduzir o que é real no pai: a falta que o levou a constituir uma mulher como seu sintoma, ou seja, a forma particular pela qual ele teve uma mulher como causa de seu desejo. Isto implica em ter de suportar o que lhe escapa obrigatoriamente, e que os mitos familiares tentam encobrir. (BARROS, 1998, p. 15)

Cabe salientar, no entanto, que a dimensão da *père-version* não exclui a dimensão paterna de deslocar a criança do lugar de objeto na fantasia materna. Dessa maneira, justamente, quando o pai deixa aparecer sua própria falta, que está na base de seu desejo e teve como causa uma mulher, essa mulher é a mãe da criança, um ser também barrado e desejante. Essa revelação marca a mãe como mulher, impossibilitando-a de ser onipotente e devoradora. Notamos, sob esse ponto de vista, que a dinâmica do Édipo gira em torno do desejo, ou antes, de que a criança faça essa passagem pelo Édipo no processo de constituir-se como sujeito desejante. Segundo Vidal (2013),

Inscrição de um significante no campo do Outro, a metáfora paterna é regulada por um binarismo, isto é, se realiza ou não. Comporta, entretanto, uma disjunção entre pai e nome, da qual Lacan se servirá, como mostramos, para colocar a questão do gozo do pai e da versão paterna declinada por cada sujeito. O pai lacaniano não é funcionário do universal científico ou moral; ele se acha encarregado de fazer a passagem entre a lei e a exceção, a lei e o particular do caso, função que tem muito a ver com o que o direito chama de jurisprudência. (VIDAL, 2013, p. 31)

O pai tem um papel fundamental na constituição subjetiva, sobretudo quando se trata da transmissão de um saber-fazer com o gozo pela via do desejo. De acordo com Vidal, a versão paterna declinada por cada sujeito toma o lugar da universalidade

presente na ideia de Nome-do-Pai¹⁵. O que há de particular à história de cada sujeito (Ibid, p. 33) força cada um a inventar-se sujeito. Nesse sentido, como salienta Barros (1995), a construção da criança em análise supõe um percurso do mito à fantasia, que impõe à criança a construção de um pai. Nas palavras de Barros (1995),

Isto permite à criança barrar o Outro e modificar sua posição na fantasia que dava consistência ao Outro e aprisionava o sujeito em um mito que se cumpria como destino. Há certamente aí um trabalho de travessia que separa a criança do lugar que ela ocupava na fantasia do Outro e na sua própria. (BARROS, 1995, p. 118)

Dessa forma, a travessia que cada criança faz, do mito à fantasia, separando-se do lugar que ocupava na fantasia do Outro e dela própria, cabe a cada sujeito inventar. Vimos que Hans necessitou de alguns elementos para fazer tal travessia. De acordo com o relato do caso, Hans pedia a seu pai “real” que fizesse o papel de castrador. No entanto, o pai, muito amoroso, se recusou insistentemente a fazer esse papel. Num segundo movimento, Hans delegou a Freud o saber sobre o que se passava com ele, ou seja, colocou Freud numa posição de suporte simbólico. Ainda assim não foi suficiente. Se utilizou de diversos caminhos, fazendo uso de girafas, do bombeiro, do instalador e daquilo que se destacou dentre esses elementos, seu significante fóbico – o cavalo. Caberia afirmar que, valendo-se deste trabalho em torno destes termos, Hans construiu uma determinada versão do pai.

¹⁵ Nos servimos da concepção de *père-version*, de um pai que transmite sua castração, pois estamos trabalhando no campo da neurose. Para explicar o que amarra o sujeito psicótico, Lacan pluraliza em “nomes do pai”, atentando que diversos significantes podem se prestar como função paterna, desde que um significante se excetue do Simbólico.

Considerações finais: O que Hans ensina para a clínica com crianças?

Para Flesler (2007), no atendimento com crianças, o psicanalista atende a criança, mas aponta sempre para o sujeito. O que significa dizer isso? Conforme situamos em nosso primeiro capítulo, a criança é entendida por nós como um sujeito na posição de objeto. A partir dessa afirmação, localizamos que a grande questão na infância é a constituição subjetiva. Na clínica, evidentemente, percebemos que essa questão aparece de diferentes formas, considerando que cada um inventa a sua maneira própria de tornar-se sujeito. As operações de alienação e separação, que dizem respeito aos significantes do campo do Outro entram em questão para a criança. Como se localizar frente a esses significantes? Há, portanto, uma tensão na posição da criança, entre alienar-se no campo do Outro e separar-se do mesmo.

As operações de alienação e separação não são estanques e localizáveis num tempo cronológico. O sujeito diz “sim”, por vezes, e “não”, por outras. É nessa alternância que o sujeito aparece, ou seja, não só como objeto, tampouco só como sujeito. Do lado do analista há algo ainda mais forte do que o desejo de saber, que é aguardar, esperar o caminho pelo qual emergirá o sujeito. Dirigir o tratamento a partir dos elementos trazidos pela criança é atender ao que há de singular, no caso a caso.

Com isso, na clínica com crianças cabe investigar a questão da demanda, que aponta para a questão anunciada em nosso primeiro capítulo, ancorada no texto de Lacan *Nota sobre a criança* (1969): O que o sintoma da criança pode indicar? Para chegar à análise é preciso passar pelo campo do Outro, encarnado pelos pais, sendo essa uma das especificidades dessa clínica. Especificidade que se desdobra na demanda de tratamento, radicalmente atravessada pelos pais. Sem que a criança e seu sintoma constituam questão para os pais ou responsáveis, ainda que possa haver sofrimento e apelo do lado da criança, a possibilidade de tratamento se inviabiliza. A partir desta especificidade, buscamos colocar algumas questões a respeito da demanda na clínica com crianças, a chegada à análise e a escuta dos pais. O caso Hans demonstra muito bem o momento em que o sintoma do filho se apresenta como questão ao pai. Podemos observar uma passagem: das anotações sobre a sexualidade do filho ao pedido de ajuda,

quando o pai de Hans localizou que o medo de Hans indicava a necessidade de tratamento.

O trabalho de tornar-se sujeito é para todos, porém, em face a algumas dificuldades neste trajeto, algumas crianças são levadas à análise. Essa observação nos conduz a entender que no percurso trilhado por estas crianças há um curto-circuito. Havendo uma dificuldade para a criança, é preciso que seus responsáveis a localizem e a acolham como questão, assim como o fez o pai de Hans.

A dimensão do sofrimento no sintoma, que se apresenta para os pais e para a criança, não necessariamente leva uma criança à análise. O que é preciso ocorrer para que a criança seja levada à análise? Levar a criança ao analista sinaliza que algo no sintoma foi escutado pelos pais e que esse algo os concerne de alguma forma. O ponto que o pai de Hans localizou a partir da fala de seu filho representou, para ele, um problema a ser tratado em análise. Para tal, foi preciso que o sintoma de seu filho retornasse a ele, na forma de uma ferida narcísica e como questão. Já na carta pedido de ajuda que o pai de Hans escreve à Freud, ele apresenta sua hipótese de que o medo do filho estaria relacionado à grande ternura que a mãe nutria por ele e, o que nos leva a entender, pela sua opinião acerca do sintoma do filho, que esse ponto constituiu-se como uma questão para ele; ou melhor dizendo, uma dificuldade do filho na qual ele se percebe preocupado já que se vê sem condições subjetivas para deslocar Hans do lugar de objeto da mãe.

Fazer sintoma para os pais é, de certo modo, passar pelo campo do Outro. É preciso que a criança sintomatize, e que este sintoma seja acolhido como questão que divide o pai, a mãe ou ambos. Nesse sentido, o sintoma retorna para os pais como enigma. Cabe ao analista manter esse enigma, não se apressando em dar interpretações ou explicações *a priori*. O analista escuta os pais, atento ao que o sintoma da criança pode representar sem, no entanto, excluir a dimensão do não-sentido do sintoma. Antes de chegar ao analista, muitas vezes, buscam-se explicações de ordem física, química, médica, espiritual, etc., numa tentativa de obter alguma explicação que recubra a fenda que se abre para os pais, de maneira a se abstenham do sintoma do filho, como se eles não tivessem alguma implicação. Podemos pensar essas buscas de outros tratamentos como um modo de defesa dos pais. A tentativa de tratar o sintoma de seu filho por

outras vias – como a da medicalização – pode ser entendida como um modo de evitar as questões que este retorno narcísico como ferida possa vir a produzir.

O fato de que os pais estejam preocupados com o sintoma da criança não exclui, contudo, o modo como ela subjetiva o que lhe foi transmitido. Supomos, assim, que a formação do sintoma possui um ganho correspondente para a criança. Essa afirmação vai ao encontro da orientação lacaniana de não visar à eliminação do sintoma, justamente pela dimensão de função que este tem para a família e para a criança. A eliminação do sintoma sem que ocorra um trabalho subjetivo, por vezes, pode se configurar como um ganho terapêutico, mas não constitui o objetivo da análise, tampouco a direção do tratamento. Em alguns casos inclusive, após a dissolução do sintoma, a criança, a seu modo, pede para continuar o tratamento, anunciando que o trabalho que ela faz ali, em análise, é de outra ordem.

O tratamento analítico com crianças, da mesma maneira que o tratamento de adultos, não visa à eliminação do sintoma. Em *Nota sobre a criança* (1969), como vimos, Lacan situa que o sintoma da criança pode estar referido a duas verdades – a do casal parental, ou a do fantasma da mãe –, nos indicando que o sintoma tem uma dimensão de sentido. Todavia, a clínica nos coloca questões a respeito do não-sentido do sintoma, seu gozo e aderência. Essa observação nos leva a investigar mais a fundo a parte pulsional do sintoma.

Miller, em seu texto *Síntoma y pulsión* (1997), pontua a proximidade do sintoma com a pulsão, situando que parte do sintoma é veiculada pela via do gozo. Miller (1997) aborda que a orientação psicanalítica pode ter duas vias: a da ficção, e a do Real. A via da ficção é, em poucas palavras, a utilizada inicialmente por Freud, pautada na compreensão do sintoma como contendo um sentido aprisionado pela repressão. Contudo, o sentido é um termo mais amplo, que não se resume à significação, tal como Freud recoloca o problema a partir da torção empreendida pela introdução do conceito de pulsão de morte em 1920. Para Lacan, segundo aponta Miller (Ibid), o sentido não se resume à significação, ou seja, é possível situar a libido, por exemplo, no registro da significação. Com isso, Lacan situa que a libido, a pulsão e o sintoma também possuem um sentido, porém localizado em outros termos que não os da interpretação. Entendendo que a chegada das crianças à análise é acompanhada de uma queixa sobre o

sintoma, buscamos nos aproximar dos possíveis sentidos do sintoma da criança, sem perder de vista a orientação pela via do Real.

Em *Nota sobre a criança* (1969), abordada por nós diversas vezes ao longo deste trabalho, Lacan afirma que o sintoma se define como um indicativo da verdade. No caso do sintoma da criança, este pode indicar duas verdades, a do casal familiar ou a da implicação da criança como objeto da fantasia materna. Sob esse ponto de vista, indicar a verdade do casal familiar ou a verdade da fantasia materna é explicitar o gozo dos pais – ou somente da mãe – no lugar em que eles colocam a criança.

Retomando o estudo de Freud *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), observamos que a entrada no narcisismo realizada pela criança requer uma identificação da criança ao lugar apontado pelos pais, guiado pelos seus próprios narcisismos renascidos. A entrada no narcisismo solicita um ato do sujeito: a identificação à imagem do objeto que possibilitaria o resgate do narcisismo perdido dos pais. Nesse sentido, o desejo dos pais, que aponta um lugar para que a criança se insira na ordem simbólica não é sem consequências. O que une um casal é singular e, da mesma maneira, o lugar que a criança ocupa para o casal é algo que faz questão para a criança. Muitas vezes, a resposta que a criança formula faz sintoma, questiona o casal parental em seu gozo.

A criança quer saber algo a respeito do ponto de opacidade que nem mesmo os pais o sabem, ponto relacionado à implicação dos pais no sintoma da criança. Põe-se em jogo, assim, um trabalho que tem como mola o não saber. Este trabalho produz um “mais gozar”. Nesse sentido, há um gozo no sintoma que vale para as duas partes: ali onde os pais gozam, a criança também goza.

Vimos, no caso Hans, que ser um complemento fálico para a mãe foi por algum tempo um paraíso do engodo. Esse paraíso, gozoso para Hans e para sua mãe, no entanto, não pôde se alongar por muito tempo. No caso de Hans, seu sintoma fóbico concernia à impossibilidade de Hans de recorrer à outra via para resolver a questão da relação com sua mãe que havia se complicado a partir do surgimento de sua pulsão. Hans faz um sintoma que conjuga essas questões.

A análise, orientada pelo Real e não pela ficção, para retomar Miller (1997), encara ambas as formas do sintoma, do sentido e do gozo, como formas de tratamento do impossível. Assim, caberá a cada criança fazer sua construção a respeito do que é

impossível para si, sobre o que une os pais, onde ela entra na história, e de que forma isso diz respeito à forma dela de gozar nesse lugar. Esse trabalho pressupõe uma travessia de separação dos significantes oriundos do campo do Outro. Acolher a queixa dos pais gera efeitos que vão no sentido de descolá-los do lugar do Outro, permitindo que os pais apareçam como divididos, implicados no sintoma da criança, mas separados do lugar de culpados pelo sintoma. Divididos e desejantes, os pais podem aparecer de outra forma no discurso.

A criança que, com seu sintoma, dividiu os pais, revelando a verdade do casal parental ou a da fantasia materna, muitas vezes é levada a outros tratamentos antes de chegar à análise. No momento em que chega à análise, enfim, não há garantia de que ela vá se servir do analista para ajudá-la no trabalho que está em vias de fazer ou para o qual ainda não possui meios de fazê-lo. É preciso que a criança aceite e eleja o analista como parceiro em seu trabalho, assim como Hans aceitou Freud como a pessoa que o curaria de sua “bobagem”.

Da parte do analista, atento à especificidade desta clínica a respeito do lugar da demanda inicial, se posiciona de forma diferente em cada caso, priorizando a escuta de quem leva a criança num primeiro momento. Dessa maneira, muitas vezes, antes que a criança possa tomar as rédeas de seu tratamento, como o fez Hans em determinado momento, é preciso incluir outros atores em cena, além dos que levam a criança, tais como a escola, outros profissionais, etc. Esses atores podem ocasionalmente nos dar pistas sobre o lugar que a criança ocupa para os pais e de que forma seu sintoma responde a isso. Escutar os pais faz-se necessário que a criança possa sair do lugar de receptáculo das questões e angústias da família, para num momento propício, se ater às suas questões.

A partir dessa pista podemos dizer que a análise de crianças é permeada pela escuta das questões que o sintoma da criança coloca para os pais, em conjunto com a escuta das questões da criança. Vemos que em muitos casos o sintoma se dissolve durante as primeiras entrevistas, nos levando a questionar a função que o sintoma tinha, em cada caso, na economia psíquica da criança e na estrutura familiar.

Localizar o que o sintoma da criança indica, esperar a forma com a qual a criança se utilizará daquele espaço oferecido para emergir enquanto sujeito, o estabelecimento do laço transferencial e o tratamento do gozo, são os momentos iniciais

de uma análise com crianças. A partir de então, o analista observa qual trabalho a criança constrói com suas questões por meio do brincar. A aquisição da capacidade de brincar ocorre junto com a aquisição da linguagem, ou seja, no jogo do *Fort-da*. Essa atividade, conforme vimos no primeiro capítulo, é uma tentativa de lidar com a ausência, com o fosso criado entre a criança e a mãe.

A criança, em vias de lidar com sua posição de objeto e com o que cai entre ela e a mãe, tenta dar um contorno ao real, simbolizando sua posição. É no brincar, portanto, que a criança encontra meios de fazer esse trabalho. Considerando que a criança utiliza objetos, além das palavras em análise, nos questionamos: qual trabalho possível de uma criança fazer em análise?

Vemos, com o trabalho subjetivo que Hans realizou, ao separar-se de sua posição de objeto na fantasia materna e de sintoma da verdade do casal parental, com o auxílio da sua versão de pai, que nisso consiste o trabalho subjetivo das crianças. Este trabalho é realizado por cada criança e, por vezes, ocorre na presença do analista.

Neste trabalho abordamos o caso Hans apostando que esse caso iconográfico nos ensina questões pertinentes para a clínica com crianças. Localizamos o momento de irrupção da angústia, o tratamento que Hans deu a ela, e a forma com a qual se livrou de sua fobia. Tivemos como foco o caráter inventivo com que Hans – e todas as crianças – lidou com suas questões para tornarem-se sujeitos.

Vemos, assim, que Hans nos ensina sobre o movimento de separar-se de sua posição de objeto na fantasia materna e de sintoma da verdade do casal parental com o auxílio de sua versão do pai. A riqueza do caso Hans possibilita leituras a respeito de diversos temas fundamentais à psicanálise. Neste trabalho, investigamos, sobretudo, a forma com a qual Hans criou e trilhou seu caminho para tornar-se sujeito desejante.

Referências Bibliográficas

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BARROS, Maria do Rosário Collier do Rêgo. Do Mito à Fantasia: uma Questão para a Psicanálise com Crianças in *Fort-da* n.3. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

_____. O sintoma da criança: uma questão para a família conjugal in *Fort-da* 4/5. Rio de Janeiro, 1998.

BARROS, Romildo do Rêgo. O infantil e a criança in *Fort-da* n.3. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

CLASTRES, Guy. A criança no adulto in *A criança no discurso analítico*. Judith Miller (Org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

FINK, Bruce. O sujeito e o desejo do Outro in *O sujeito lacaniano; entre linguagem e gozo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FREUD, Sigmund. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)*, volume VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1909) Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. *ESB*, volume X. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

- _____. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. *ESB*, volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1915) Os instintos e suas vicissitudes. *ESB*, volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1917 [1916-1917]) Conferência XXV: A ansiedade. *ESB*, volume XVI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1917a) As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal. *ESB*, volume XVII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1920) Além do princípio do prazer. *ESB*, volume XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1923) O ego e o Id. *ESB*, volume XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1924) A dissolução do complexo de Édipo. *ESB*, volume XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1926 [1925]) Inibições, sintomas e ansiedade. *ESB*, volume XX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1930) O mal-estar na civilização. *ESB*, volume XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1933 [1932]) Conferência XXXII: Ansiedade e Vida Instintual. *ESB*, volume XXII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1923) A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade). *ESB*, volume XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1927) Fetichismo. *ESB*, volume XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

- LACAN, Jacques. (1949) O estágio do espelho como formador da função do eu in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. (1953- 1954) *O seminário, livro 1*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- _____. (1956-57) *O seminário, livro 4*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- _____. (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. (1958) Os três tempos do Édipo in *O seminário, livro 5*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____. (1958) Os três tempos do Édipo (II) in *O seminário, livro 5*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____. (1958) A metáfora paterna in *O seminário, livro 5*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____. (1958a) A significação do falo in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. (1960) Posição do inconsciente in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. (1960a) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. (1962- 1963) *O seminário, livro 10*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- _____. (1964) *O seminário, livro 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- _____. (1968-1969) Saber poder in *O seminário, livro 16*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. (1969) Nota sobre a criança in *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LAMY, Maria Inês. O que Hans nos ensina? In *Arquivos da Biblioteca* n. 6 - dezembro de 2009.

LEFORT, Rosine. Um “passo a mais” entre a criança e o adulto: a estrutura do corpo in *A criança no discurso analítico*. Judith Miller (Org). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

_____. Unidade da psicanálise in *A criança no discurso analítico*. Judith Miller (Org). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

LÉVY, Robert. *O infantil na psicanálise*. Petrópolis: Vozes, 2008

MAIA, Ana Martha Wilson. A angústia de Hans e o amor perdido de Max Graf in *Latusa* – Rio de Janeiro: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, nº4/5, 2000.

MILLER, Jacques-Alain. A criança entre a mulher e a mãe in *Opção Lacaniana*, nº21, Abril de 1998, p. 7-12.

_____. Conferência de abertura às II Jornadas anuais da EOL, *A lógica da cura*, nos dias 27, 28, 29 de agosto de 1993. Publicado originalmente em *La logique de la cure*, Collection de l’Orientation Lacanienne, dezembro de 1993. Texto estabelecido por

Diana Ettinger. Tradução: Colette Richard, revista por Nathalie Georges. Versão não corrigida pelo autor.

_____. (1997) Síntoma y pulsión in *El partenaire-síntoma*. Buenos Aires: Paidós, 2008.

ROLO, Mônica. A angústia em *O Seminário, livro 4: a relação de objeto* in *Latusa* – Rio de Janeiro: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, nº4/5, 2000.

VIDAL, Paulo Eduardo Viana. Édipo, sonho de Freud in *Analytica* v.3, nº3, p. 11-39. São João del-Rei, Julho/Dezembro de 2013.